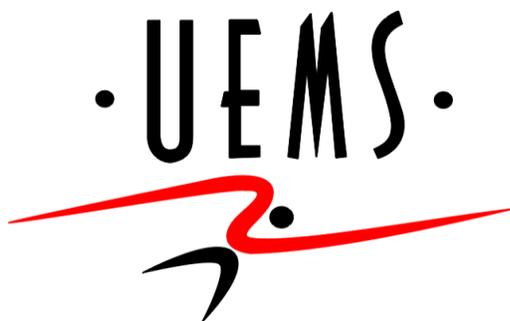


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

JEFFERSON VARGAS FERNANDES

**PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO GÊNERO: HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS – A ARTE DA
PALAVRA”**

2010



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS

**PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO GÊNERO: HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS – A ARTE DA
PALAVRA”**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, realizada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação Português/Inglês, pela UEMS-Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-Unidade de Jardim, sob a orientação da professora Esp. Michele Serafim Santos.

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

FERNANDES, Jefferson Vargas. “Práticas metodológicas no gênero: história em quadrinhos no livro didático “Português – a arte da palavra”. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade de Jardim, 2010.

1- Língua Portuguesa

2. Gêneros discursivo

3. Histórias em quadrinhos

JEFFERSON VARGAS FERNANDES**Comissão Julgadora**

Prof.^a Esp. Michele Serafim Santos

Prof.^a MSc. Adélia Maria Evangelista de Azevedo

Prof.^a MSc. Rosely Peixoto Grubert Martinez

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma sensação tão agradável... Quase todos têm motivos para a gratidão, quando pessoas em nossas vidas têm tempo para partilhar e fazermos saber por bons atos que estamos nos seus pensamentos e que elas se importam.

Aos meus mestres, principalmente minha orientadora Michele Serafim Santos, que tiveram presentes durante minha formação, pelo conhecimento e apoio, profissionais estes que me inspiraram.

Ao “Quarteto Fantástico” (Marcilene Romeiro, Rosangela Cacho, Miriam Fernandes e Eu): Marcilene Romeiro, pela amizade, companheirismo, dedicação e sinceridade nas palavras; Miriam Mateus Coqueiro Fernandes, pela sinceridade de uma amizade, pois vimos que a distância não é suficiente para separar os amigos; Rosangela da Silva Cacho, pela força e por suas faltas de conexões com a realidade que muitas vezes nos proporcionaram risadas gostosas e inesquecíveis.

Aos meus amigos que me “aturaram” todos os dias, em especial ao Fábio Renã Portela Fernandes e Franciele Aparecida Kuhnen.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente para a concretização deste sonho. Para vocês, ofereço este trabalho. Que os versos do dia-a-dia formem os mais belos poemas da poesia da vida.

Muito obrigado a todos!

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso e a cada vitória o reconhecimento devido ao meu Deus, pois só Ele é digno de toda honra, glória e louvores. Dedico à minha família, Santo José Fernandes (pai), Nilfa Vargas Fernandes (mãe), Anderson Vargas Fernandes (irmão), Jacqueline Vargas Fernandes (irmã), Karen Adny Fernandes e Emily Vitória Fernandes (sobrinhas) e Lidiane Espinosa Machado (cunhada), pelo amor, carinho, compreensão, respeito e apoio por eles creditado em mim sem medir esforços para que eu possa findar mais essa etapa.

À UEMS pelo ensino superior público e de qualidade que conduz mentes humanas a serem mais fortes e perseverantes para lutar por uma sociedade mais soberana.

“A leitura após certa idade distrai excessivamente o espírito humano das suas reflexões criadoras. Todo o homem que lê de mais e usa o cérebro de menos adquire a preguiça de pensar”.

Albert Einstein

RESUMO

O presente trabalho é resultado do interesse de abordar um gênero até então pouco explorado nas escolas: as histórias em quadrinhos, comprovando a partir de concepções teóricas que esse gênero oferece inúmeras possibilidades de trabalho e incentivo à leitura e produção textual. O objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi analisar o gênero história em quadrinhos enquanto um objeto estimulante da leitura e produção textual. Como objetivos específicos, pretendo demonstrar que uma leitura dinâmica e criativa pode formar leitores críticos, retratar a importância da leitura crítica enquanto um fator de crescimento intelectual, relatar a origem e o desenvolvimento da literatura infantil, assim como sua importância para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, refletir sobre a origem e aspectos teóricos das histórias em quadrinhos e sugerir metodologias para serem aplicadas em sala de aula a partir do estudo das histórias em quadrinhos. Para fundamentar este trabalho, a pesquisa bibliográfica foi fundamental, a partir dos estudos de autores como: Bakhtin (1992), Cagliari (1995), Coelho (1991), Cunha (2003), Kleiman (2002), Lajolo (1999), PCNs (1998), Silva (1998 e 2003), entre outros, na área de leitura, literatura infantil e gêneros discursivos. Para o estudo das histórias em quadrinhos, pesquisei em Eisner (2005) e Leite (Ano 2).

Palavras-chave: Gêneros discursivos, leitura, história em quadrinhos

ABSTRACT

This work is the result of an interest in addressing about gender little explored in schools: the comics, proving from the theoretical concepts that this genre offers numerous job opportunities and encouraging reading and writing. The general objective that guided the present research was to analyze the comic book gender as an object of stimulating reading and writing. Specific objectives we intend to portray the importance of reading as a critical factor in intellectual growth, defining the origin and development of children's literature, as well as its importance for the development of children and adolescents, reflecting on the origins and theoretical aspects of comics and suggest methodologies to be applied in the classroom from the study of stories in quadrinhos. For support our work, the literature review was essential, from the studies of authors such as Bakhtin (1992), Cagliari (1995), Coelho (1991), Cunha (2003), Kleiman (2002), Lajolo (1999), PCN (1998), Silva (1998 e 2003), among others in the reading area, children's literature and genders. For the study of comic books, researched in Eisner (2005) and milk (Year 2).

Keywords: Gender discourses, reading, comics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
 CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1- A Leitura Crítica.....	13
1.1- Gênero Discursivo.....	21
 CAPÍTULO II - LITERATURA INFANTIL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UNINDO TEORIA E PRÁTICA	
2 - Origem da Literatura Infanto-Juvenil.....	25
2.1 – Aspectos teóricos da Literatura Infanto-Juvenil.....	28
2.2 – A história em quadrinhos.....	31
 CAPÍTULO III - PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO GÊNERO: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS – A ARTE DA PALAVRA”	
3. O Livro Didático em foco: descrição.....	35
3.1 Estrutura das histórias em quadrinhos.....	36
3.1.1 Linguagem verbal X não verbal.....	36
3.1.2. Narração.....	39
3.1.3. Personagens.....	41
3.1.4 – Sugestões para atividades.....	42
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no Brasil tem sido discutido por educadores e pesquisadores, por isso que no final do século XX e início do século XXI trouxe significativas mudanças no que se refere ao tratamento da linguagem em sala de aula. Temas como leitura, produção de texto e gêneros discursivos passaram a fazer parte da didática dos professores, no intuito de levar os alunos a compreender o papel que a linguagem (oral ou escrita) exerce em suas vidas.

A maneira como o professor de Língua Portuguesa concebe a linguagem e sua relação com a leitura define os caminhos do aluno enquanto aprendiz, por isso faz-se necessário abordar temas atuais como a importância dos gêneros discursivos no tratamento com a linguagem. Diante dessas reflexões, o presente trabalho é resultado do interesse de abordar um gênero até então pouco explorado nas escolas tendo como resultado o incentivo à leitura nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: as histórias em quadrinhos.

A escolha do tema desta pesquisa foi definida após leituras teóricas direcionadas à valorização da leitura em sala de aula, comprovando a partir de concepções teóricas que esse gênero oferece inúmeras possibilidades de trabalho e incentivo à leitura e produção textual.

O objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi analisar o gênero HQs¹ enquanto um objeto estimulante da leitura e produção textual. Como objetivos específicos pontuamos:

- Retratar a importância da leitura crítica enquanto um fator de crescimento intelectual;

¹ HQs = História em Quadrinhos

- Descrever a origem e o desenvolvimento da literatura infantil, assim como sua importância para o desenvolvimento das crianças e adolescentes;
- Refletir sobre a origem e aspectos teóricos das histórias em quadrinhos;
- Analisar os procedimentos pedagógicos em HQs sugeridas para serem aplicadas em sala de aula a partir do estudo da obra “Português – a arte da palavra” de Gabriela Rodella, Flávio Nigro e João Campos e dos PCNs² de Língua Portuguesa.

Para fundamentar nosso trabalho, a pesquisa bibliográfica foi fundamental, a partir dos estudos de autores como: Bakhtin (1992), Cagliari (1995), Coelho (1991), Cunha (2003), Kleiman (2002), Lajolo (1999), PCNs (1998), Silva (1998 e 2003), entre outros, na área de leitura, literatura infantil e gêneros discursivos. Para o estudo das histórias em quadrinhos, pesquisamos em Eisner (2005) e Leite (Ano 2).

Após observamos o problema da pouca leitura no Ensino Fundamental de modo geral, a presente pesquisa demonstra sua importância a partir do momento que se dispõe a abordar o ensino da Língua Portuguesa de maneira dinâmica e criativa, utilizando o estudo dos gêneros discursivos a partir de um objeto que é do gosto da maioria das crianças: as histórias em quadrinhos, enfatizando a leitura prazerosa para o crescimento intelectual dos alunos, assim como seu desenvolvimento cultural.

As principais hipóteses levantadas para a pouca leitura em sala de aula no Ensino Fundamental são:

- Falta de material apropriado para o incentivo da leitura com os alunos;
- Concepção de linguagem e ensino/aprendizagem errônea do professor (muitos ainda acreditam que a leitura em sala de aula é “perda de tempo”);
- Ausência de um tempo específico nas aulas para o trabalho com a leitura de diferentes gêneros discursivos (dentre eles, as histórias em quadrinhos);
- Professores despreparados para a orientação da leitura e dos leitores em processo de formação.

² PCNs = Parâmetros Curriculares Nacional

Dessa forma, o presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos que compõem o desenvolvimento da pesquisa. No Capítulo I “Fundamentação teórica”, o leitor irá observar as definições de leitura crítica e a importância para o desenvolvimento dos alunos, além do conceito de gêneros discursivos.

No Capítulo II, “Literatura infanto-juvenil e histórias em quadrinhos: unindo teoria e prática”, realizamos um levantamento histórico sobre o início e desenvolvimento da Literatura Infanto-Juvenil no Brasil, assim como sua relevância para o aprendizado de crianças e adolescentes e as principais características das histórias em quadrinhos enquanto gênero discursivo, assim como seus autores centrais e a história de seu desenvolvimento.

No Capítulo III, “Práticas metodológicas no gênero: história em quadrinhos”, é o momento de analisar algumas práticas metodológicas sugeridas a partir do estudo do capítulo inicial do livro didático³ “Português – a arte da palavra”, além de propor alguns métodos de trabalho para o professor de Língua Portuguesa em sala de aula.

E nas Considerações Finais, retomaremos o nosso objetivo geral, observando o seu devido cumprimento, enfatizando de forma teórica a utilização do gênero analisado como um instrumento importante no incentivo à leitura em sala de aula.

³ A partir desse ponto usaremos a abreviatura LD para nos referirmos ao Livro Didático

CAPÍTULO I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 – A leitura crítica

Quem tem o hábito de ler de forma crítica é capaz de expor suas ideias com facilidade, escreve e fala mais fluentemente, porém cabe à escola o ensino e incentivo aos diversos tipos de leitura, porque, o que geralmente acontece, é o professor se limitar apenas a um tipo de leitura rápida e superficial, valorizando a escrita.

Entendendo que a principal contribuição da leitura é a transformação da realidade, nesse capítulo discutiremos a importância da criticidade na prática pedagógica escolar, utilizando as contribuições teóricas de Cunha (2003), Silva (1998, 2003 e 2009), Lajolo (1999), Kleiman (2002), Magnani (2001) e o documento do PCNs de Língua Portuguesa (1998).

Para Silva (1998, p. 02) o processo de leitura crítica indica um movimento dos sujeitos envolvidos, de um lugar para outro, procurando compreender e conhecer a razão de ser das coisas. Dessa forma, o ato de ler criticamente nunca será algo passivo, pois após cada leitura, adquirimos novos conhecimentos que nos possibilitarão atitudes diferentes diante da realidade.

De acordo com Cunha (2003, p.09) os professores de Português do Ensino Fundamental reclamam sobre o crescente desinteresse dos estudantes pela leitura, para isso muitas são as razões, como: descuido familiar, decadência do ensino, excesso de facilidades na vida escolar, apelos sociais com muitas formas de diversão, entre outros, mas concordam ao afirmar que a leitura é uma atividade pela qual se assimila o conhecimento, é um processo de descoberta que exige muita paciência e perseverança por parte do leitor.

Para explicitarmos a necessidade e a importância da leitura crítica, precisamos, antes de mais nada, centrar nosso olhar e nossa atenção sobre a realidade social brasileira, buscando o desvelamento dos seus modos de convivência, existência e sobrevivência. (SILVA, 2009, p. 23)

Diante dessa afirmação, o autor nos mostra que a leitura deve ser entendida em suas diferentes formas e configurações, pois cumpre propósitos e finalidades de comunicação entre os homens. Para Lajolo (1999, p. 34), os leitores desfrutam de um imenso poder quando entendem a leitura como uma prática social condicionada historicamente pelos modos de organização e de

produção da existência, pelos valores e dinâmicas que circulam a cultura. Desse modo a leitura crítica nas escolas é condicionada por uma ideologia que impede sua disseminação, afinal não é bom para a classe dominante a formação de cidadãos críticos, capazes de selecionar e reelaborar o conhecimento para aplicá-lo em sua vida.

Criticando Lajolo e outros autores que tratam a leitura como um evento desligado da natureza humana, Silva (1998, p. 19) enxerga a leitura como um componente da educação, por isso deve ser vista como um instrumento civilizatório, onde o leitor reflete e compreende a realidade.

Não podemos encarar a leitura apenas como uma reprodução mecânica de ideias, ao contrário, o leitor deve ser sujeito do trabalho que está executando (leitura), pois a partir da leitura crítica dos registros escritos em seu tempo, o homem tem a possibilidade de analisar a história e compreender melhor sua própria existência. A leitura revela a palavra e o mundo, ou seja, através de uma leitura baseada na criticidade é possível conhecer e utilizar um infindável número de léxicos, assim como entender o processo das relações ideologicamente construídas na sociedade.

De acordo com Silva (2009, p. 33), ler é um modo de conhecer e praticar novas culturas, ler um texto de forma crítica é raciocinar sobre os diferentes referenciais de realidade deste texto, sendo fundamental seguir algumas etapas: Encontro com o texto, o leitor compreende de forma significativa a mensagem escrita; refletir sobre o que leu, é o momento de se posicionar diante do conteúdo lido; e agir sobre o conhecimento adquirido, por isso, a leitura crítica sempre gera novas expressões, novas propostas de pensar o mundo.

Nesse caso, então, ler criticamente, significa “questionar as evidências” a fim de rechaçar a lógica da dubiedade que prepondera em sociedade, agindo para enxergar, com lucidez, os dois lados de uma moeda, as diversas dimensões de um problema, as múltiplas camadas de significação de um texto. (SILVA, 2009, p. 34)

Sendo assim, a leitura crítica é um instrumento de combate à ignorância e à alienação. Muitas pessoas restringiram o ato de ler apenas a uma obrigação escolar, todavia o principal objetivo de uma leitura reflexiva é compreender a realidade e situar-se na vida social, ter opiniões definidas a respeito de assuntos atuais que envolvem política, história, literatura, etc.

Para Cagliari (1995, p. 149) “a leitura é a realização do objetivo da escrita”, demonstra ser um processo de extrema complexidade porque envolve problemas semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos e até fonéticos. Todavia, não é possível definir leitura em um único conceito, já que às vezes a leitura é um processo de descoberta, como a busca do saber científico, ou um trabalho paciente de pesquisa, pode ser superficial um jogo, uma atividade lúdica e acima de tudo, a leitura é um processo individual, duas pessoas dificilmente farão a mesma leitura de um texto, já que o conhecimento de mundo e linguístico, as experiências do sujeito leitor decidem o tipo de leitura que se fará.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 21), a produção de discurso não acontece no vazio, sempre que produzido, o discurso manifesta-se linguisticamente por meio dos textos, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência.

Assim, o trabalho com leitura, tem o objetivo de formar leitores competentes, capazes de serem bons escritores também, já que a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras.

Os PCNs (idem, p. 69) definem a leitura como um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos e do seu conhecimento sobre o assunto e o autor. Desse modo, um leitor competente é aquele capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, então formar um leitor competente pressupõe formar alguém que compreende o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, tanto que o mesmo documento afirma:

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-

juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais. (PCNs, 1998, p. 70)

Assim, toda leitura resulta da abertura para o outro, constituindo-se em uma mistura, reveladora de suas principais funções: desvelar as contradições inerentes aos discursos homogêneos, estereotipados, discriminadores que tentam mascarar as raízes das desigualdades e dos privilégios e combater a reprodução histórica dos binarismos, aprendendo a respeitar a diversidade cultural e experimentando as múltiplas camadas que podem perfazer a construção de identidades robustas e democráticas.

Diante disso, é possível entender que a escola ensina leitura em todas as suas disciplinas, por isso depende dela enquanto instituição e de seus professores enquanto profissionais manter e desenvolver o hábito da leitura, o qual é totalmente individual, pois duas pessoas dificilmente fariam uma leitura igual de um texto semelhante, já que é uma atividade de construção de conhecimento, de interiorização e de reflexão. Ler um mesmo texto pode gerar interpretações diferentes, baseadas na estrutura de conhecimento de cada um.

Silva (2003, p. 56) explica as três principais críticas aos rituais de leitura em nossas escolas: a primeira diz respeito ao caráter postiço ou artificial do ensino – a leitura se transforma numa rotina entediante, servindo a todos os propósitos menos para produzir sentidos aos alunos.

A segunda refere-se à pobreza no contexto escolar no que se refere a livros e situações de leitura – falta de um ambiente para a leiturização e a última aborda a questão dos professores despreparados para a orientação da leitura e dos leitores em processo de formação, muitas vezes o aluno tem potencial para ser um bom leitor, mas o professor que não é leitor não pode ajudá-lo.

Podemos afirmar que a leitura, quando realizada de forma consciente e crítica, possibilita a participação do homem em sua sociedade, entendendo o presente e o passado ao mesmo tempo em que garante as ferramentas necessárias para transformar o futuro.

Segundo Lajolo (1999, p. 105) originalmente a atividade de leitura era individual e reflexiva (opondo-se ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade dos contadores de histórias), porém com a modernidade o ato de ler transformou-se em um consumo rápido do texto, em uma leitura dinâmica, gerando constantemente a necessidade de novos textos. Por isso, a leitura foi se afastando da prática individual de reflexão e é papel da escola exercitar novamente esse papel crítico e argumentativo das leituras realizadas em sala de aula.

O exercício da leitura ocorre de forma livre e prazerosa através da literatura, para Lajolo (1999, p. 105) a leitura crítica é uma, dentre muitas, modalidade de leitura, assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler vários textos.

Sobre a importância da leitura crítica, reflexiva, Silva (2009, p. 23) afirma:

(...) a leitura, nas suas diferentes formas e configurações, cumpre propósitos e finalidades de comunicação entre os homens que interagem em sociedades específicas. Daí dizermos que a leitura é uma prática social e, por isso mesmo, condicionada historicamente pelos modos da organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura.

Com isso, o autor comprova que, diante dos inúmeros problemas sociais que enfrentamos, a leitura se transforma em um instrumento para erradicar as profundas raízes da desigualdade e da injustiça. Quando se aprende a ler, e reflete sobre essa leitura, adquire-se mais poder, ou seja, uma maior capacidade para enxergar as contradições sociais e melhores fundamentos para decidir e opinar.

Por isso, numa concepção de leitura que a vê como instituição e prática coletiva, parece que se pode privilegiar a reflexão sobre a natureza e o percurso social da leitura, deixando em plano secundário as discussões sobre metodologias e estratégias que costumam ser incorretamente vistas como os elementos determinantes da falta de interesse dos jovens pela leitura.

Em sala de aula, a leitura é difícil de ser trabalhada porque a maioria dos professores brasileiros tem uma concepção errada do que é ler e acham que os alunos precisam ler somente os LDs, o resultado é a grande dificuldade que as crianças encontram quando se deparam com a leitura, seja para resolver um problema de matemática, para interpretar um poema ou para estudar um texto de biologia ou geografia.

A questão da leitura crítica não é específica da Língua Portuguesa, ao contrário, deve ser trabalhada em conjunto com todas as disciplinas escolares. De acordo com Silva (2003), a ausência de uma leitura crítica dentro da escola pode significar, em longo prazo, um

cancelamento da capacidade crítica, devido à ausência de passos concretos para colocá-las em prática.

De acordo com Kleiman (2002, p. 07), a aprendizagem da criança na escola apresenta-se fundamentada na leitura, esclarecendo que o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida, é através da interação entre os diversos níveis de conhecimento (linguístico, textual, conhecimento de mundo), que o leitor consegue construir o sentido do texto. Com o incentivo do professor, o aluno se tornará ciente da necessidade de fazer da leitura uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de uma mera recepção passiva.

Silva (1998, p. 26) afirma que as pessoas envolvidas com a educação esqueceram que os alunos são seres concretos, em uma realidade concreta, assim, para construir uma nova pedagogia da leitura, o professor precisa conhecer a vida dos alunos, de forma que a leitura de textos seja uma “janela para o mundo”, por isso é necessário que essa janela fique sempre aberta, possibilitando novas experiências para melhor compreensão e decisão do leitor.

Kleiman (2002, p. 30) argumenta que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação à atividade da leitura, para os alunos esse exercício é confuso, constituindo-se apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática e ensino de línguas, na maioria das vezes o aluno começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, pois não conhece as estratégias de leitura que possibilitarão um entendimento do texto lido.

A autora (idem) afirma que para alguns especialistas em leitura não há um processo de compreensão de texto escrito, mas vários processos de leitura, sempre ativos, tantos quantos forem os objetivos do leitor, muitas vezes estes últimos determinados pelos tipos ou formas de textos.

Para a autora (2002, p. 35), a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando o aluno lê porque o professor manda, está apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido, por isso a leitura desmotivada não conduz à aprendizagem. Contudo, se o leitor for inexperiente é importante o professor traçar alguns objetivos para a leitura, assim, através do modelo que o adulto lhe fornece, esse leitor estabelecerá eventualmente seus próprios objetivos, desenvolvendo estratégias metacognitivas necessárias e adequadas para a atividade de ler.

Ao iniciar uma leitura, Kleiman (2002, p. 45) enfatiza:

A reflexão em torno da compreensão de textos não pode deixar de passar por uma reflexão sobre o componente textual desse processo. A materialização de uma intenção do autor se dá através de elementos tanto linguísticos como gráficos, cabendo ao leitor a recuperação dessa intenção através do formal.

Isso mostra que, para a estudiosa (idem, p. 47), a materialização formal de categorias de significação e de interação pragmática deve ser reconstruída para a compreensão do texto lido, pois durante a leitura, o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto, ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões.

Através da leitura é possível estabelecer uma relação entre leitor e autor, definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos.

A leitura, enquanto prática social e ação política deve, necessariamente denunciar toda desigualdade social presente em nossa sociedade, cumprindo propósitos de comunicação entre os homens que interagem em sociedades específicas, ao mesmo tempo que é condicionada historicamente pelos modos de organização e produção da existência humana.

Assim, o processo de leitura nas escolas será utilizado com o objetivo de transformar a realidade de cada leitor/aluno, levando-o a compreender as raízes históricas das contradições e a buscar, pela ação concreta, uma sociedade onde as pessoas tenham maiores oportunidades de crescimento profissional e pessoal.

Por isso, o trabalho na escola será voltado para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, principalmente no que diz respeito a oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes, por isso é tão importante o trabalho com a diversidade textual, sem ela pode-se até ensinar a ler, mas

certamente não se formarão leitores competentes para se posicionar quando estão diante de diferentes textos.

Para aprender a ler é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura, por isso de acordo com os PCNs (1998, p. 57), uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos característicos das práticas de leitura, destruindo o mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto, enquanto que na verdade, o significado constrói-se a partir da interpretação do leitor, não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto, o conhecimento de mundo do leitor.

Para tornar os alunos bons leitores, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço, precisam achar a leitura interessante e desafiadora, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência, contudo a formação de leitores requer condições favoráveis à prática da leitura, como: dispor de uma biblioteca e um acervo de livros na escola, organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia, planejar as atividades diárias, garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais, possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, garantir tranquilidade para as leituras, sugerir títulos que possam ser adquiridos e construir na escola uma política de formação de leitores, onde todos possam contribuir para desenvolver uma prática constante de leitura.

Como sugestões e tipos de leitura, os PCNs (1998, p.72) abordam a importância da leitura diária (de forma silenciosa, em voz alta, pela escuta de quem lê), da leitura colaborativa (uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos).

A leitura autônoma envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência. (...) A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. (PCNs, 1998, p. 72)

Os projetos de leitura, também, são ações fundamentais para desenvolver o gosto pela leitura nos alunos, assim como atividades sequenciadas de leitura que funcionam de forma parecida com os projetos, mas não tem um produto final determinado.

A partir do momento que a escola passar a dar o devido valor à leitura, os alunos vão crescer com esse hábito e se tornarem leitores assíduos e críticos. Felizmente vários professores já apresentam uma postura diferente em relação à leitura, entendendo sua importância na formação de cidadãos.

Com isso, é possível perceber que um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, adequando o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. De acordo com os PCNs (1998), os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero, assim, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Assim, o valor da leitura é inegável para efetivar o conhecimento e exercer a cidadania, por isso, entendendo a leitura como uma prática encarnada em gestos, em espaços e hábitos, espera-se dos governos um surgimento de novos gestos, espaços e hábitos de leitura, fazendo avançar os valores da cidadania e sofisticando os métodos de produção ou recriação do conhecimento em todos os níveis de ensino.

Silva (2003) afirma que, diante dos pesados problemas estruturais, a leitura se transforma num instrumento muito frágil e debilitado para a erradicação das profundas raízes da desigualdade e da injustiça.

Levando tal fato em consideração, é necessário contemplar nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros organizados de diferentes formas. Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época, das culturas e das finalidades sociais, logo, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais profunda.

1.1 – Gênero Discursivo

As situações comunicativas em nosso cotidiano são inúmeras, porque todas as nossas práticas de linguagem ocorrem através de textos e não apenas palavras isoladas, isto é, utilizamos formas típicas de enunciados que se organizam e materializam dentro de determinados gêneros textuais, os quais são inúmeros, pois a cada contexto social específico, usamos um gênero discursivo. A respeito disso, Bakhtin (1992, p. 280) discorre:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Bakhtin (1992, p. 281) também diferencia os gêneros do discurso em primários (mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos, bilhetes, diários íntimos, cartas...) e secundários (são gêneros mais formais, os quais repousam em instituições sociais e se realizam no âmbito de uma comunicação cultural mais complexa, organizada, formalizada e sistematizada, romances, teatros, livros didáticos).

Segundo Maingueneau (2004, p. 43), os gêneros do discurso são atividades sociais, submetidas a critérios de êxito, trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto de participantes e a vontade enunciativa do locutor, portanto no trabalho com a leitura ou produção de um gênero é preciso considerar a situação de produção e circulação que integra as práticas discursivas, a qual é definida por alguns parâmetros textuais e sociais.

Conforme os PCNs (1998, p. 21) todo texto se organiza dentro de um gênero, de acordo com as funções comunicativas que exerce, assim os gêneros são determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. Assim, a noção de gênero refere-se a famílias de textos que compartilham características comuns, mesmo que heterogêneas, como visão geral da ação a qual o texto se articula, o tipo de suporte comunicativo, a extensão, o grau de literariedade, entre outros.

De acordo com Fernandes (2008, p. 35) a interação verbal é efetivada através de enunciados denominados gêneros, os quais encontram-se em constante transformação, por isso o nome “relativamente estáveis”. Os gêneros do discurso, marcados pela especificidade de uma esfera comunicativa, apresentam três elementos essenciais e dissociáveis, conforme pontua a autora (idem, p. 35-36):

- **Conteúdo temático:** o que é ou pode ser comunicável por meio do gênero, refere-se ao seu objeto discursivo e a sua finalidade específica no processo interativo;

- **Forma composicional:** os elementos das estruturas comunicativas e semióticas (signos) compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero, é o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- **Estilo:** é a forma de composição do gênero, são as configurações específicas das unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do locutor (presença de pronomes pessoais, certos tempos verbais, inserção de vozes, etc).

Assim, ao contemplar os gêneros como objeto de ensino, os diferentes aspectos do processo de interação verbal devem ser considerados para que haja êxito. Sendo assim, as características da situação de produção devem ser reconstruídas: quem é o enunciador, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em qual instituição circula, etc.

Conforme Fernandes (2008, p. 44), “os gêneros circulam em esferas sociais específicas. Cada uma dessas esferas de troca social abriga uma multiplicidade de gêneros: na esfera jornalística (notícia, artigo), na esfera científica (tese, palestra), na esfera cotidiana (conversa familiar, bilhete), na esfera escolar (texto didático, resumo), na esfera artística (romance, história em quadrinhos)”.

Desse modo, vemos que os gêneros estão correlacionados às situações de interação dentro de certas esferas sociais e cada esfera possui funções discursivo-ideológicas distintas e particulares, bem como formas de organização. Apenas a análise dessas situações sociais de interação, dentro de um lugar social de produção e circulação dos gêneros (como a escola), é que nos permite apreender o gênero discursivo em questão.

Segundo Fernandes (2008, p. 45), todo gênero do discurso tem por objetivo um certo tipo de modificação da situação da qual participa, a determinação dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero utilizado. Os gêneros do discurso são veiculados através de suportes materiais que constituem as circunstâncias físicas, o modo de manifestação material dos discursos (jornal impresso, televisão, cartaz, revista...).

Todo gênero de discurso possui uma organização textual, uma forma composicional que representa o plano global mais comum que organiza seus conteúdos. Sobre isso, Fernandes (idem, p. 46) afirma que a organização textual é a estrutura composicional, os modos típicos de organização do discurso relacionados às partes que o compõe e ao modo de distribuição dessas partes, assim como aos recursos linguísticos a serem usados em cada gênero.

Por isso é importante conhecer as condições de uso para determinar os gêneros em estudo. A respeito das condições materiais de produção, todo texto resulta de um comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado no espaço e no tempo, sendo possível a intermediação de um meio de comunicação.

Em relação às condições sociais de produção, todo texto é determinado pela forma de interação comunicativa que se estabelece entre produtor e receptor, pressupondo regras, valores e normas de conduta em função dos papéis que desempenham. Os parâmetros que determinam esse contexto são: lugar social (família, escola), posição social do produtor na interação (papel de professor, pai...), posição social do receptor (aluno, filho...) e objetivo da interação.

Entendemos que os gêneros do discurso são aprendidos através de enunciações concretas, na comunicação discursiva viva, pois possuem modelos preestabelecidos e variabilidade, sendo que o reconhecimento de um gênero acontece pela ativação do nosso conhecimento prévio em relação ao que sabemos sobre os gêneros textuais.

Sendo assim, Fernandes (2008, p. 41) afirma que é comum um gênero assumir a forma de outro gênero e ainda continuar sendo o mesmo gênero, tudo irá depender da finalidade comunicativa e do propósito que o enunciador tem em mente. Assim, os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do discurso, portanto, são determinados sob o foco das relações sociais, institucionais e interpessoais dos parceiros da interlocução, com ênfase à apreciação valorativa do locutor.

Notamos então os aspectos fundamentais para a realização de uma prática pedagógica que incentive a análise dos diversos gêneros discursivos no contexto escolar, para tanto é fundamental compreendermos a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da leitura e estudos dos gêneros, como será visto no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UNINDO TEORIA E PRÁTICA

2 – Origem da Literatura Infanto-Juvenil

Segundo Eisner (2005, p. 11) o ato de contar histórias apresenta-se profundamente enraizado no comportamento social do homem, por isso, as histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, dramatizando relações sociais ou problemas de convívio. Antigamente, o contador de histórias de uma tribo era um professor ou historiador, pois o ato de contar histórias revelava um grande conhecimento passado de uma geração para outra.

Sobre isso, Zilberman (1998, p. 43) complementa afirmando que a Literatura Infantil ainda é um gênero bem recente, pois praticamente não existia antes do século XVIII, já que era misturada com a literatura oral contada entre os adultos, pois nas sociedades antigas a criança não tinha seu próprio espaço, trabalhavam, brincavam, enfim viviam entre os adultos e participavam também de todos os eventos: festas, guerras, execuções, audiências, tais fatos faziam com que as crianças tivessem seu lugar garantido na cultura da época, ou seja, no ato de contar histórias, nos jogos e contos.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para vida adulta. (CUNHA, 2003, p. 23)

De acordo com Coelho (1991, p. 12), a origem da Literatura Infantil está localizada na “Novelística Popular Medieval”, cujo início encontra-se em certas fontes orientais. Na realidade, especificar de forma objetiva os caminhos percorridos por uma Literatura popular, transmitida através da oralidade não é uma tarefa fácil, tanto que, nos contos de fadas que hoje conhecemos, autores como Perrault, Grimm ou Andersen não correspondem aos verdadeiros criadores dessas narrativas que nasceram no folclore de cada região.

As narrativas que pertencem à Literatura Primordial são aquelas que possuem um caráter mágico, nelas foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, forjadas durante séculos antes de Cristo, difundindo-se por todo o mundo cristão por meio da tradição oral.

Coelho (1991, p. 14) afirma que as narrativas primordiais deram origem às narrativas medievais arcaicas, popularizadas tanto na Europa quanto no Brasil, sendo posteriormente transformadas na literatura folclórica. Dentre as principais obras que iniciaram a Literatura Infantil no Ocidente estão: *Calila e Dimna*, a coletânea mais antiga das narrativas. Devem ter surgido na Índia, por volta do século V antes de Cristo.

Por alguns é considerada como um tratado político, por outros como um exemplo de boa conduta para viver bem. Estas obras apresentam nítidas diferenças do fabulário grego. Outra coletânea que não poderíamos deixar de citar é *As Mil e Uma Noites*, a mais célebre compilação de contos orientais que circula no Ocidente. Sua forma atual deve ter-se completado em fins do século XV, mas só começou a ser divulgada no mundo europeu no início do século XVIII.

Para Aguiar (1999, p. 243), o grande erro da literatura infantil foi ter surgido extremamente ligada à educação, relegando à arte um segundo plano. Assim, o fato de transmitir lições de moral através das histórias infantis iniciou-se vinculado à Pedagogia, servindo como um instrumento de transmissão de regras dos adultos para as crianças, assim o texto literário consagrava a manutenção da organização social, das instituições, dos costumes e crenças.

Coelho (1991, p. 30) define os séculos IX e X como o momento em que começa a circular uma literatura popular de forma oral, que séculos mais tarde se transformaria na literatura folclórica e na literatura infantil de hoje. Durante esse período, o Ocidente é invadido por uma enorme quantidade de literatura narrativa que vem de fontes populares e cultas. A literatura de fonte popular é a prosa narrativa exemplar, derivada de fontes orientais ou gregas, e a de origem culta é a prosa aventuresca das novelas de cavalaria.

A gênese dessa literatura ocorre simultaneamente à institucionalização da educação escolar e ao surgimento de um novo conceito de criança e infância que acompanha a ascensão da burguesia européia. No caso da literatura infantil, não se pode falar de uma produção inicialmente dirigida a crianças, muitas obras foram apreciadas por esse tipo de leitor, mesmo que não tivessem sido escritas para esse fim.

Por isso, grande parte da produção de literatura infanto-juvenil apenas parece contemplar aquelas funções específicas de moralizar, pois lhe falta a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. No Brasil, a literatura infanto-juvenil surge e se afirma a partir do século XX, construindo uma literatura baseada no consumo e no sucesso do público.

Tal fato demonstra que a literatura infantil tem uma história relativamente curta, principalmente no Brasil, apesar disso, muito são os avanços em relação a esse tipo de leitura, porque, até pouco tempo atrás, as crianças dividiam a literatura com os adultos, lendo os mesmos materiais, atualmente já existem livros destinados a esse público em especial. Esse material é uma excelente ferramenta para ser trabalhada em sala de aula como exercícios de leitura e interpretação.

Segundo Cunha (2003, p.09) os professores reclamam muito sobre o crescente desinteresse dos estudantes pela leitura, as principais razões para explicar tal fato são: descuido familiar, decadência do ensino, excesso de facilidades na vida escolar, apelos sociais com muitas formas de diversão, entre outros.

Devido a esse fato preocupante, muitos educadores e literatos ainda questionam a existência da literatura infantil, sobre isso Cunha (2003, p. 26) afirma que uma obra de arte, realizada através de palavras deve ser caracterizada pela abertura, pela possibilidade de vários níveis de leitura, pelo grau de atenção e consciência a que nos obriga enquanto leitores e quando o mundo da arte e da literatura é descortinado à criança, ela se torna livre para estabelecer suas relações com esse mundo.

O objetivo principal do professor quando leva um livro para a criança ler é criar em seus alunos o hábito da leitura, o problema é que, apesar do esforço dos problemas as crianças lêem muito pouco e o mais fácil é encontrarmos culpados para isso, seja a política de educação, os governantes, a televisão, enquanto que na verdade são os adultos que se relacionam mal com o livro, por isso não consegue passar para a criança o gosto pelo ato de ler.

Para Lajolo (1999, p. 66) literatura infantil e escola sempre mantiveram uma relação de dependência mútua, ou seja, a escola conta com a literatura infantil para difundir sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que são próprios para serem inculcados em sua clientela e os livros, para as crianças não deixarem nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer

como material de uma leitura obrigatória, quer como um complemento de outras atividades pedagógicas, que como prêmios aos melhores alunos.

Segundo Cunha (2003, p. 24), a literatura infantil possui uma estreita ligação com a pedagogia, já que em toda a Europa, os educadores da época foram determinantes na criação de uma literatura para crianças e jovens. No Brasil, como não poderia ser diferente, a literatura infantil também tem início com as obras pedagógicas, adaptadas de produções portuguesas.

Na tentativa de encontrarem uma literatura adequada à infância e juventude, observa-se duas tendências: a dos clássicos adaptados e do folclore (apropriando-se dos contos de fadas). Em cada país vão surgindo propostas diferentes de obras literárias infantis a partir de Perrault e dos irmãos Grimm.

De acordo com a autora (idem, p. 25), no Brasil a verdadeira literatura infantil tem início com Monteiro Lobato, criador de uma obra diversificada quanto a gêneros e orientações, constituindo uma literatura centralizada em alguns personagens que percorrem e unificam o seu universo ficcional.

Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. (...) Ao lado de obras marcadamente didáticas, escreve Lobato outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional. (CUNHA, 2003, p. 25)

Em relação a isso, Coelho (1991, p. 206) explica que os livros de leitura no Brasil foram a primeira manifestação literária voltada conscientemente para as crianças, esses livros representam a primeira tentativa de realizar uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos “literatura” e “educação” andavam ligados. Tanto que, na metade do século XIX as leituras nas escolas começavam a ganhar força em todo o país, pois o Brasil começava a se “civilizar”, logo era necessário incentivar a leitura.

2.1- Aspectos teóricos da literatura infanto-juvenil

Cunha (2003, p. 38) afirma que a leitura é uma fonte altamente ativa de lazer, mas exige um grau imenso de consciência e atenção, uma participação efetiva do leitor. Para entender os motivos pelos quais as crianças e jovens não leem, a autora reflete sobre a relação do adulto com

a leitura, apresentando algumas situações que vivemos com frequência: o adulto argumenta que lê pouco por falta de tempo, cansaço, por isso também não vai a livrarias ou bibliotecas, também é comum os adultos preferirem brinquedos a livros como presentes para as crianças. Esses comportamentos demonstram o pequeno espaço que o livro ocupa na vida dos adultos e conseqüentemente na vida das crianças.

Outra causa para a pouca leitura das crianças e jovens é a imposição, pelos adultos, de leituras que eles acham essenciais para o bom desenvolvimento, assim as crianças são “coagidas” a ler obras que não lhe dizem nada, sofrendo com uma sutil “tortura”.

Cunha (2003, p. 44) defende o uso do livro como lazer, e a escola precisa desenvolver atividades que tornem o livro uma fonte de prazer e enriquecimento, um saudável desafio para o aluno conseguir observar o desenvolvimento de seus conhecimentos.

Assim, o problema de levar os alunos a gostarem de literatura se fundamenta em duas perspectivas: Para a filosofia de educação a obrigação do educador é mostrar não só a literatura, mas as demais artes, identificando as fascinantes formas de descoberta do indivíduo nas relações de recreação e recriação da realidade, por outro lado, da perspectiva de estratégias, cabe ao educador realizar uma auto-avaliação, perguntando-se se não poderia ajudar mais pessoas a optarem pela literatura.

Nessa luta, os pais exercem um papel fundamental, por isso ao seguirem algumas dicas poderão ajudar a despertar nas crianças o gosto pela leitura: compreender as necessidades das crianças, conhecer o que estão lendo, discutir com as crianças os programas preferidos de TV, cinemas, etc., ajudá-las a distribuir seu tempo, permitindo que sobre espaço para o lazer e atividades artísticas, entre outros.

Desse modo, Cunha (2003, p. 48) afirma que a literatura pode ampliar e enriquecer a nossa realidade, permitindo ao leitor a vivência e a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana, pois a literatura representa o lugar privilegiado em que a experiência vivida e a contemplação crítica coincidem com o conhecimento singular.

A autora discute também os elementos que “aparentemente” despertam o interesse das crianças pela obra. A obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto, difere apenas na complexidade de concepção que deve criar a simplicidade de linguagem,

contudo não devemos confundir a obra simples com a fácil, para a produção de todo texto literário existe um esforço mental e intelectual por parte de seus autores.

Alguns erros que afastam o público infantil da obra são mencionados: deturpar a linguagem para aproximá-la dos erros infantis, gerando uma simplicidade artificial, utilizar uma linguagem empolada, para a retórica, ou ainda o tom moralizador, onde o autor acredita que a criança é incapaz de chegar a conclusões, de ter posições ou opiniões diante do que está lendo.

Existem algumas características em um livro infantil que chamam a atenção do público infantil, dentre elas a ilustração. Segundo Cunha (2003, p. 55), para as crianças muito pequenas a imagem é um sinal fácil de ser traduzido, ou seja, é um ícone, o qual mantém relações tão próximas na aparência, com o objeto representado, que é imediatamente entendido pelo receptor. O mínimo que a ilustração tem de fazer é ser conotativa, cheia de sugestões, que não impeça outras leituras do texto, mas sim dê às crianças a oportunidade de imaginar, recriar, ir além do próprio desenho.

Segundo Cunha (idem, p. 53), o processo de leitura ocorre, às vezes com alegrias, mas sempre à margem da escola, sua especialidade e sua preocupação é avaliar, por isso ninguém deve se sentir obrigado a ler, ao contrário, a criança deve se sentir motivada a escolher os livros que mais lhe chamam a atenção e descobrir por si próprio quais são seus estilos favoritos. Só assim poderão entender que a literatura amplia e enriquece nossa visão da realidade de um modo específico, permitindo ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana.

De acordo com Lajolo (1999, p.11) o que fazer com o texto literário em sala de aula é baseado, ou devia se basear em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas, as quais afastam os problemas teóricos como irrelevantes ou elitistas diante da situação precária que o professor espera da literatura numa classe de jovens.

O que vemos acontecer na maioria das salas de aula é a função do professor como um propagandista persuasivo de um produto (a leitura) que, sob a avalanche do marketing corre o risco de perder sua especificidade, o que devia-se fazer é utilizar o texto para dar sentido ao mundo, enquanto que na realidade o texto geralmente é objeto de técnicas de análise remotamente inspiradas em teorias literárias de cunho universitário.

Assim, o desencontro entre a literatura e os jovens que explode na escola parece na verdade um mero sintoma de um desencontro maior, infelizmente vividos pelos professores. Os alunos não lêem, nem os professores, os alunos escrevem mal e os professores também e assim por diante.

Conforme Lajolo (1999, p. 22), a literatura infanto-juvenil é um produto tardio da pedagogia escolar, pois ela não existiu desde sempre, ao contrário, só se tornou possível e necessária no momento em que a sociedade necessitou dela para inserir nas crianças as lições de moral e bom costume.

De acordo com Cunha (2003), a narrativa também é muito importante nas obras infantis, as quais deve assegurar o dramatismo, a movimentação irrequieta, a criança irá se interessar mais por livros onde a todo momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de situações imprevistas. Se o autor evitar descrições e digressões longas, obterá mais sucesso com as crianças, pois dessa forma a narração se tornará um sucesso entre o público infantil.

2.2 – As HQs

Segundo Leite (In: *Discutindo Literatura*, ano 2, p. 24), a publicação da obra *Yellow Kid* é considerada o ato inaugural das HQs na mídia e consumo de massa, todavia já no século XVIII e XIX eram produzidas na Europa a chamada “Literatura Estampada” ou romances caricaturados. Nas três primeiras décadas do século XX, o universo das histórias em quadrinhos se multiplicou nas tiras de jornais e na década de 30 surgiram as primeiras publicações voltadas para o gênero.

Em 1940 ocorreu a grande revolução das HQs com a obra *The Spirit*, de Will Eisner (1917-2005), com uma concepção gráfica excelente, cortes e ângulos insólitos, uso de luz e sombras, fusões de imagens e tomadas inusitadas, além de um texto ágil e bem humorado. De acordo com o autor, em 1978 outra obra de Eisner *Um contrato com Deus* (1978) popularizou o termo *graphic novel* (romance gráfico), uma obra diferencial, com temática madura e complexa (conta histórias que focam a vida de pessoas ordinárias no bairro do Bronx, em Nova Iorque dos anos 30).

Em 1960, surgiu a revista *Zap Comix*, de Crumb, um ícone emblemático dessa geração, cheia de humor cáustico e iconoclasta, embebido em sexo, drogas e rock’n roll, a revista tinha por princípios a transgressão e a esculhambação generalizada, satirizando criticamente a carece

institucionalizada e até a própria contracultura. Não só na América os quadrinhos tiveram artistas representativos, o milanês Guido Crepax (1933-2003) foi um dos mais talentosos representantes da HQ produzida no velho continente.

De acordo com Fernandes (2008, p. 78), a história em quadrinhos constitui uma das variedades mais difundidas da trama narrativa, pois combina a imagem plana com o texto escrito, e os elementos verbais e icônicos integram-se através de um código específico. Existem vários tipos de histórias em quadrinhos: quadrinhos cômicos dos jornais (caracterizados por sua intencionalidade apelativa e seu conteúdo humorístico), quadrinhos em que predominam a função literária (desenvolvem-se aventuras de guerra, histórias policiais, relatos românticos...).

Segundo Eisner (2005, p. 05), de modo geral, as histórias em quadrinhos são um meio visual, constituído de imagens, apesar do uso das palavras, o componente principal são as imagens, responsáveis pela narração e imitação da realidade. Nesse gênero discursivo a arte controla a escrita, assim o produto passa a ser algo mais do que simples literatura, mas uma junção entre esses dois elementos (arte + literatura).

De acordo com o autor (idem, p. 07) a partir do século XX a definição de literatura passou a sofrer uma ligeira mudança, ou seja, a inserção de imagens nas narrativas literárias surgiu como um fator relevante na esfera da comunicação, intensificada pelo uso da tecnologia, assim, muitas vezes as imagens ajudaram as palavras para produzir uma significação mais eficiente.

A ascensão das histórias em quadrinhos ocorreu ao longo de mais de 60 anos, evoluindo de pequenas tiras publicadas em jornais, para histórias completas, em seguida para as *graphic novels*, a qual exigiu um maior grau de sofisticação literária por parte do escritor e artista. Eisner (2005, p. 07) afirma que durante muito tempo, as histórias em quadrinhos foram vítimas de preconceitos, pois acreditava-se que eram utilizadas apenas pela população de baixo nível cultural e capacidade intelectual limitada, na verdade, as histórias atenderam realmente a esse público, todavia com o crescimento desse gênero, as narrativas ganharam força e atualmente são objeto de estudo e pesquisas em universidades.

Eisner (2005, p. 08) explica que, entre 1965 e 1990 as histórias em quadrinhos passaram a ter um conteúdo mais literário, devido à criação de um mercado de distribuição direta, por isso, os quadrinhos procuravam tratar de assuntos como autobiografias, protestos sociais,

relacionamentos humanos e fatos históricos, temas até então exclusivamente literários. Com isso fortaleceu-se as revistas para um público adulto, atraindo um grupo mais sofisticado de leitores.

Para Eisner (2005, p. 09), o processo de leitura das histórias em quadrinhos é uma extensão do texto, o qual envolve uma conversão de palavras em imagens, sendo que os quadrinhos aceleram tal processo fornecendo as imagens. E quando a linguagem dos quadrinhos é empregada como um veículo de ideias e informações, afasta-se do entretenimento visual, desprovido de pensamento, transformando-se em uma forma de narrativa.

Por isso, sempre que falamos em histórias em quadrinhos nos remetemos automaticamente às imagens, segundo Eisner (2005, p. 19) as imagens representam uma memória de um objeto ou experiência gravada pelo narrador, o qual faz uso através de um meio mecânico (fotografia) ou manual (desenho). Normalmente as imagens dos quadrinhos são simples, para facilitar sua utilidade enquanto linguagem. As imagens sempre foram alvo de críticas, por não serem aceitas como uma leitura séria. As imagens estáticas não conseguem exprimir pensamentos complexos, já as imagens em movimento transmitem a ideia com a velocidade da visão.

As normas que regem as histórias em quadrinhos demonstram sua forma de organização: os balões encerram os discursos diretos das personagens, contêm o que elas dizem, pensam, murmuram ou gritam, a localização dos balões tem relação com os turnos de palavra (primeiro lê-se o balão situado na parte superior, à esquerda), o corpo das letras relaciona-se com a ênfase que as personagens atribuem ao que dizem: a repetição de letras, sinais de pontuação, onomatopéias, interjeições, sinais de interrogação, enfim, tudo é elemento significativo para compreender a mensagem.

Segundo Cunha (2003), praticamente todas as fases estão motivadas por um tipo especial de narrativas: a narrativa dos quadrinhos. Até alguns anos, intelectuais, educadores e pais de família eram contra as histórias em quadrinhos, todavia, com os estudos sobre os meios de comunicação de massa, começaram a surgir muitos trabalhos importantes sobre os quadrinhos, sociólogos e estudiosos da comunicação mostram não só o seu valor artístico e sua validade na validade moderna, mas também sua importância como pintura da sociedade de nosso tempo.

Para a autora, a atitude mais sensata seria nem a exclusão total dos quadrinhos na escola, nem a exclusividade deles. As maiores restrições às revistas em quadrinhos são: provocam preguiça mental, incentivam à violência e apresentam uma literatura não-nacional, todavia todas

essas objeções não passam de enganos porque o gosto por esse tipo de leitura não significa a falta de opiniões e questionamentos a respeito dos temas, essas revistas são variadas, portanto devem ser escolhidas de acordo com a faixa etária e o público leitor e nos últimos anos conhecemos uma infinidade de revistas nacionais, principalmente as de Maurício de Souza.

As principais razões para esse tipo de leitura ocorrer mais entre os jovens e crianças são: facilidade de aquisição, grande apelo visual e dinamismo, linguagem oral e pitoresca, aventuras cheias de humor e otimismo, personagens interessantes e escolha pessoal da criança ou do jovem, sem a intervenção dos adultos.

Sobre isso, Leite (In: *Discutindo Literatura*, ano 2) afirma que boa parte da produção das HQs é produzida tendo por objetivo o entretenimento do público infanto-juvenil, porém desde que foi publicada no jornal *New York World*, o *Yellow Kid* (1985) essa forma de expressão amadureceu e evoluiu muito, e a cada dia as obras são escritas com um nível artístico mais elevado.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO GÊNERO: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS – A ARTE DA PALAVRA”

3- O LD em foco: descrição

No decorrer do presente trabalho foi possível observar que o estudo das HQs afirma-se como uma forma alternativa de apreender o universo e a relação do homem com o mundo natural e social, expressando essa interação de modo intuitivo e emocional.

Diante disso, o objetivo do presente capítulo é relacionar toda a teoria estudada até o momento à prática pedagógica da leitura, envolvendo o gênero História em quadrinhos, durante o Ensino Fundamental. Assim, após analisar as principais características que compõem tal gênero, utilizando como objeto de análise o LD do Ensino Fundamental “Português - A arte da palavra”, dos autores: Gabriela Rodella (Graduada em Português e Mestre em Linguagem), Flávio Nigro (Graduado em Jornalismo e Comunicação Social) e João Campos (Graduado em Português pela USP).

A obra é composta de 04 volumes, os quais atendem do 6^o ao 9^o ano, contendo também um suplemento com o Manual do Professor. Publicado pela Editora AJS (1^a edição de 2009) de São Paulo.



Observamos que antes do Sumário, o LD apresenta um catálogo informativo para alunos e professores conhecerem todas as seções dos capítulos e a disposição dos conteúdos divididos em: apresentação, introdução, tema para discussão, leitura, curiosidades, estudo de texto, textos expositivos, boxes, atividades, língua em uso, gramática em ação, mão na massa, leitura da arte e multimídia (com dicas de filmes, livros, músicas e sites), enfim um estudo diferenciado e criativo de nossa língua.

O Sumário divide-se em 7 capítulos, sendo eles: 1- Histórias em Quadrinhos, 2- Debates, 3- Crônicas, 4- Histórias policiais, 5- Rádio e TV, 6- Textos Opinitivos e 7- Cordel e Rap. Para tal análise será realizado recortes do volume direcionado ao 9º ano do ensino fundamental. O LD traz o primeiro capítulo reservado para o estudo das histórias em quadrinhos, procuraremos listar algumas sugestões de trabalho para os professores do Ensino Fundamental, baseados no conceito de interatividade e crescimento intelectual e cultural que a leitura de variados gêneros possibilita às crianças e adolescentes.

3.1 Estrutura das histórias em quadrinhos

3.1.1 Linguagem verbal X não verbal

Ao utilizar os gêneros discursivos como objeto de ensino, é fundamental considerar os diferentes aspectos do processo de interação verbal, ou seja, as características da situação de produção devem ser reconstruídas, deixando claro para os alunos quem é o enunciador, em que papel social se encontra, a quem se dirige, qual o papel social do interlocutor, o local em que o gênero é produzido e como ocorre sua distribuição.

Conforme Eisner (2005, p. 115) o processo de escrita para uma história em quadrinhos está relacionado com o desenvolvimento do conceito, a descrição dele e a construção da sequência narrativa para traduzí-lo em imagem, assim o diálogo auxiliar a imagem e ambos contam a história de forma combinada, um complementando o outro. Assim, escrever no meio gráfico é um ato direcionado para o artista, o escritor fornecer o conceito, o argumento e o elenco de personagens, seu diálogo é endereçado ao leitor, mas a descrição da ação para o tradutor gráfico.

O LD analisado tenta apresentar de forma clara a relação entre a linguagem verbal e não-verbal a partir das três histórias em quadrinhos expostas:

Na página 14 do LD, encontramos a história de Calvin e Haroldo, uma dupla de personagens criados pelo autor americano Bill Watterson, composta por um menino e um tigre. Calvin é um menino levado, e seu melhor amigo é um tigre de pelúcia, Haroldo. Nessa história, o autor utiliza predominantemente a linguagem verbal através dos diálogos nos balões e algumas onomatopéias (figura de linguagem que reproduz a imitação de barulhos e ruídos) como podemos observar no 7º e 8º quadrinhos da história: “Whumpp!”, “Yaaah, Oh Não!” (2009, p. 14).



No primeiro quadrinho, o autor faz uso de uma linguagem da oralidade, com frases simples, adequadas à comunicação infantil: “Por que é que você não veste pijama?”, dessa forma é possível para o público leitor unir a rapidez da leitura às imagens com cores vibrantes (verde, amarelo, preto, azul), também um elemento muito atrativo e que contribui na compreensão contextual da narrativa.

Na segunda história (pág. 15), o cartunista argentino Quino limitou-se apenas à linguagem não-verbal, ou seja, a história é contada apenas através da linguagem visual, por isso o texto apresenta o emprego de símbolos, ícones, que passam um determinado significado ao público-leitor. No primeiro quadrinho o símbolo representado no balão é um colar de pérolas, portanto notamos que os papéis sociais dos personagens no quadro (um detetive e um policial) determinam o contexto da narração: um roubo de jóias.



Nos quadrinhos subsequentes o único símbolo que aparece nos balões é uma impressão digital, indicando o objeto de procura do detetive, o qual pesquisa sem parar nos objetos da cena do crime, como o cofre e a pequena caixa onde estivera o colar roubado.

Na próxima história, Suriá incentiva seu amigo urso a fazer malabarismos: “Vai kurtz”, após obedecê-la, o urso arrebenta a corda e cai, nota-se o barulho da corda se partindo “tek, tek”, impedindo o elefante de saltar, pois ele seria o próximo. A união da linguagem verbal com as imagens e as onomatopéias tornam a história mais real para o leitor, o qual não apenas imagina, mas sente os pequenos acontecimentos, barulhos, etc.

Nessas três histórias também aparece as interjeições, expressão pela qual traduzimos um estado emocional: “Fuu” (representando o nojo de Calvin pelo hálito de Haroldo), “Irk” (o nojo de Haroldo por Calvin não ter lavado o rosto), “Puxa” (tristeza do elefante não poder saltar).

Sobre isso, Fernandes (2008, p. 79) afirma que, nas histórias em quadrinhos, que prevalece o humor, tem como características principais: a economia narrativa (normalmente com um único verbo, linguagem coloquial próxima da oralidade), a linguagem econômica (às vezes aparece uma ou duas palavras em um balão: “É”, “Boa noite”), frases muito curtas “Ta! Você venceu!”, poucos personagens, delineados com traços resumidos. Esses textos empregam símbolos icônicos convencionais para expressar sentimentos (um coração para o amor), efeitos de ações, emoções violentas (raios, cobras).

A historieta humorística caracteriza-se por sua economia narrativa, uma vez que condensa o relato em poucas vinhetas. Linguagem econômica, frases muito curtas, palavras ou construções que remetem a uma pluralidade de significados, poucos personagens, caracterizados com traços sintéticos. (FERNANDES, 2008, p. 79)

Nesses exemplos, podemos observar o uso da linguagem como um lugar de interação humana, seja através das frases ou dos símbolos, o uso da comunicação ocorreu como um lugar de constituição das relações sociais estabelecidas entre as crianças e os animais (amizade, afeto, carinho).

3.1.2. Narração

A primeira vez que apareceu uma narrativa de aventura nas histórias em quadrinhos foi em tiras de jornais, segundo Eisner (2005, p. 129) em 1934, Milton Caniff começou *Terry e os Piratas*, uma tira que ultrapassou o formato cômico e passou a ser uma história sem-fim, esse

autor não apenas trouxe uma arte mais sofisticada para o meio, mas uma narrativa vigorosa utilizada posteriormente pelas revistas em quadrinhos.

De alguma forma, o narrador sempre se identifica com a narrativa. Os preconceitos e valores que emanam de uma obra são revelados através da memória pessoal que o narrador tem do comportamento humano, assim, o narrador tem uma responsabilidade não apenas com os leitores, mas consigo mesmo, pois de um modo ou de outro as histórias também o influenciam.

Nas três histórias apresentadas pelo LD em questão o narrador aparece apenas de forma implícita, através do modo de conceber as atitudes dos personagens, em nenhum momento é colocado de forma clara nos quadrinhos.

O conteúdo temático da narrativa de Calvin e Haroldo consta de uma situação corriqueira do cotidiano infantil: o momento de ir dormir com seu bichinho de pelúcia. Na narrativa do roubo de jóias, o conteúdo se aproxima mais de uma investigação criminal, envolvendo mistério e perigo e a terceira história abrange o mundo do circo, também envolvendo personagens animais contracenando com humanos.

A forma composicional das três histórias analisadas são semelhantes, porque todas elas se organizam em quadros, além disso possuem balões representativos das falas dos personagens ou apenas dos símbolos, ou seja, a construção composicional representa o plano global mais comum que organiza seus conteúdos.

Em relação ao estilo de cada narrador, notamos que as configurações específicas das unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do locutor são diferentes em cada história: na primeira observamos a presença de pronomes pessoais da primeira e segunda pessoa e os verbos.

Na segunda história o autor utiliza apenas a linguagem não-verbal como um conjunto particular de sequências textuais, compondo a narração. E no terceiro quadrinho o estilo do autor trabalha com os dois tipos de linguagem analisada.

Quando produzimos um texto narrativo, precisamos pensar em sua organização textual, respondendo a perguntas essenciais como: o que? (acontecimento a ser narrado), quem (personagem principal), como (enredo) quando (tempo da ação), onde (local), por que (causa) e por isso (o resultado dos fatos).

Assim, nas três histórias analisadas podemos responder:

	1ª história Calvin e Haroldo	2ª história Roubo da jóia	3ª história A menina e os animais no circo
O quê?	A hora de dormir	Roubo	Brincadeiras no circo
Quem?	Calvin e Haroldo	Detetive e policial	Suriá, o urso, o elefante e a platéia
Como?	Narra a mentira do menino sobre escovar os dentes	Narra o roubo de uma jóia	Narra as aventuras do menina no circo
Quando?	Noite	O tempo não é especificado	O tempo é indeterminado.
Onde?	Quarto do menino	Provavelmente em um banco, a julgar pelo cofre	No circo
Por quê?	A mentira	Após o roubo, o policial chama o detetive para a investigação	Por causa das brincadeiras da menina com os animais
Por isso	Os dois personagens brigam e um sente o mau cheiro dos dentes do outro por terem desobedecido à mãe	Descobre que o próprio detetive era o ladrão.	Ocorre acidentes

3.1.3. Personagens

Sem as personagens, certamente não haveria história em quadrinho, tanto que, algumas revistas levam como título o nome de sua personagem principal. É comum nas histórias em quadrinhos termos personagens caricaturados, ou seja, quando uma qualidade se sobressai de

modo exagerado sobre as outras ou personagens inanimados adquirirem qualidades tipicamente humanas (movimentação, fala, sentimentos, etc).

Nas histórias do LD os personagens são: história 1: um garoto, seu tigre de estimação e sua mãe. O personagem que representa uma contra-versão da ordem direta é o tigre, pois esse animal jamais será o “bichinho” de estimação de uma criança e muito menos será dotado da capacidade da fala, como nos apresenta a história. Todavia, sempre que Haroldo está na presença de adultos, é visto apenas como um bicho de pelúcia, somente Calvin o vê como um tigre falante, exaltando a capacidade de imaginação infantil.

Já os personagens do garoto e de sua mãe cumprem seus respectivos papéis sociais: a mãe se preocupa com o bem estar do filho, dando-lhe ordens e o filho desobedece.

Na história 2 os personagens são: um detetive e um guarda, o comportamento de ambos pode ser identificado somente através de suas ações no decorrer dos quadrinhos: o guarda anuncia um roubo ao detetive que inicia a investigação, procura digitais e encontra sua própria marca no cofre. Aparentemente envergonhado devolve a jóia e vai embora juntamente com o guarda.

História 3: os personagens são: animais (um urso e um elefante) e algumas crianças, em resumo a história demonstra o uso dos animais como forma de distração para as crianças. Como o urso toca muito mal (esse fato é representado pelas notas borradas que demonstram uma música mal tocada), os expectadores se apressam a aplaudi-lo, do contrário ele continuará tocando. Os aplausos são responsáveis por fazer o urso parar sua atuação musical.

O clímax da história ocorre na história seguinte, quando o menino faz o urso se equilibrar em um trapézio e a corda arrebenta, causando espanto e risadas em todos os leitores. Apesar de serem dois animais considerados perigosos, nessa história eles aparecem ao lado de crianças, com aparência dócil e realizam ações de humanos (tocar tuba e pular do trapézio).

É importante esclarecer que o trabalho pedagógico utiliza a linguagem em uso, em situações reais de comunicação, por isso é fundamental apresentar aos alunos os contextos de aprendizagem, de acordo com as condições de produção do gênero estudado. Então, na tentativa de inserir maior qualidade no uso da linguagem através das fundamentações teóricas apresentadas até aqui, serão propostas, a título de ilustração, algumas atividades que contemplem o gênero História em quadrinhos, de forma ampla.

3.1.4 – Sugestões do LD para atividades

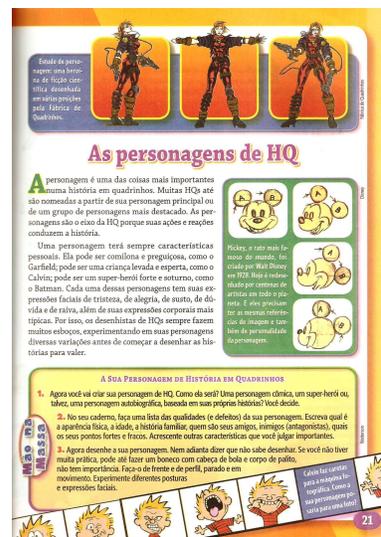
SUGESTÃO 1: Nesta primeira sugestão, a proposta é levar o professor a realizar um trabalho de compreensão teórica a respeito dos gêneros discursivos, em específico as HQs. (LD 2009, p.21)

1ª aula: O objetivo dessa aula inicial é demonstrar para os alunos que esse gênero até pouco tempo era destinado apenas ao público infantil, todavia atualmente os adultos também se tornaram leitores desse gênero. Situar os alunos a respeito dos principais componentes do gênero a ser analisado: Situação de produção (identidade social do produtor, quem escreve as histórias), emissor do discurso (quem são os personagens), para qual público as histórias são dirigidas, em que áreas sociais esse gênero circula, qual o propósito comunicativo (além de produzir uma leitura fluída e prazerosa é uma forma de diversão, sendo um instrumento valioso para observar o uso das variantes linguísticas e de processos de intertextualidade) e o conteúdo temático das histórias, o qual é definido por Fernandes (2008, p. 35) como:

(...) o que é ou pode ser dizível (comunicável) por meio do gênero. Por exemplo: em uma notícia, o conteúdo temático consta de informações novas sobre acontecimentos, objetos ou pessoas; em uma crônica literária, o conteúdo diz respeito a

situações corriqueiras do dia-a-dia;

2ª e 3ª aulas: Compreender que as atividades de leitura ultrapassam as preocupações com elementos linguístico-textuais, os quais compõem o gênero analisado, examinando-o como uma prática discursiva e social. (LD 2009, p.23). Explicar aos alunos que esse gênero não era muito valorizado pela escola e pela



sociedade até poucos anos atrás foi com o aprofundamento da noção de gêneros discursivos que começou a ser trabalhado nas escolas. Esclarecer que as histórias em quadrinhos são organizadas de forma variada, a forma comunicativa que prevalece é o diálogo, escrito em balões, sendo ilustrada e colorida e que o autor das histórias prefere recursos linguísticos simples e diretos, com frases curtas, de fácil entendimento e próximas da oralidade. Após esses esclarecimentos, distribuir para os alunos várias revistas em quadrinhos (selecionadas na biblioteca ou trazidas pelos próprios alunos) e dedicar o restante da aula à leitura.

4ª e 5ª aulas: Esse tempo será dedicado à produção de uma pequena história em quadrinhos, onde os alunos irão trabalhar de forma livre, explorando sua criatividade. É importante nesse momento, o professor incentivar seus alunos a utilizarem todos os conhecimentos apreendidos nas aulas anteriores, unindo a teoria à prática. (LD 2009, p.32)

Assim, o intuito dessa primeira sugestão foi apresentar uma forma diferente para os professores trabalharem com a noção de gênero do discurso, como pontua os PCNs (1998, p. 22):

Estudo do Texto

1. Quem escreveu o roteiro da HQ? Alguém sabe quem escreveu? Quem a desenhou? 1. Texto e desenhos são de autoria.
2. Há dois tripulantes na nave Star Gopher. Quem são eles? Qual o relacionamento entre os dois? 2. A nave Star Gopher é de autoria de um autor. Os personagens são de autoria de um autor.
3. Qual a profissão do homem? 3. O personagem é um cientista.
4. O que ele pretende fazer no planeta Phenix? 4. Comparar a vida na Terra com a vida em Phenix.
5. Os habitantes de Phenix são humanos? Como você chegou a essa conclusão? 5. Pelo nome da nave, que é Star Gopher.
6. Qual o meio de transporte utilizado pelos habitantes de Phenix? 6. O personagem não sabe.
7. As mercadorias não são mostradas. O que você imagina que o mercador está vendendo? 7. Não sabe.
8. Descreva com suas palavras como é um pavichus selvagem. 8. Resposta pessoal.
9. O narrador tem medo de que o pavichus despreze sua esposa, porém uma revista na história acontece. O que, exatamente? 9. O pavichus é muito ciumento.
10. Ao revelar o nome daquele pavichus, o autor indica que ele tem uma relação mais pessoal com Janine. Qual o nome do animal? Que vocábulo é utilizado para demonstrar a intimidade? 10. O nome do animal é Janine. O vocábulo utilizado é "meu".
11. No último quadrinho, outra revista científica aparece na HQ. O que responde? 11. Não sabe.
12. Existem semelhanças e diferenças entre o planeta Phenix e a Terra. Cite duas semelhanças e duas diferenças. 12. Semelhanças: ambos os planetas são azuis, têm um sistema solar, atmosfera respirável, etc. Diferenças: Phenix é um planeta fictício, a Terra é real.
13. Quantas intervenções do narrador aparecem na história? 13. Apenas uma, no início.
14. O que significam no contexto "Em absoluto" e "Absolutamente"? São declarações afirmativas ou negativas? 14. São declarações afirmativas.
15. Repare que cada página da HQ apresenta quatro quadrinhos. Mas todos têm formatos diferentes entre si. Por que você acha que o autor optou por essa variação? 15. Resposta pessoal.

Vamos exercitar um pouco o quadrinista que existe em você.

1. A história que você acabou de ler se passa em um futuro não especificado. A espaçonave é descrita pelo narrador como "ultrapassada, movida a ions".
 - a. Penseando como um autor de ficção científica, imagine como seria um método de propulsão "moderno".
 - b. Desenhe em seu caderno como seria uma espaçonave com propulsão moderna.
2. Agora você vai construir o roteiro dessa história. Imagine que Baladin realmente recebe a visita da mãe de Janine.
 - a. Como seria a conversa entre Baladin e a sogra? Será que ela gostaria do novo genro?
 - b. Distribua essa conversa em dois ou três quadrinhos. Acrescente as ações que julgar apropriadas.

32

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

SUGESTÃO 2: Esta sugestão está voltada para o lado artístico do ensino dos gêneros discursivos, portanto será necessário dedicar um tempo maior das aulas para a realização do projeto, planejar atividades interdisciplinares. Portanto, o professor de Língua Portuguesa não

deverá realizar sozinho, porém a proposta no LD é que o professor desenvolva por si só as atividades descritas. (LD 2009, p.40 e 41)

Mão na Massa

História em Quadrinhos

Objetivo
Criar a sua própria HQ.

- Preparação**
 - Material: folhas de papel sulfite, lápis e canetas.
 - A história terá de uma a quatro páginas.
 - Pode ser uma história completa ou uma sequência de tirinhas.
- As personagens**
 - Lembra aquela personagem que você criou na página 21? Temos agora a oportunidade de colocá-la em ação.
 - Você pode também inventar personagens novos. Crie! Personagens autobiográficas (baseadas na sua vida) podem render ótimas histórias.
 - E não precisa saber desenhar. Em último caso os bonecos podem ser até de palitinho. O que importa mesmo é o que vai acontecer com ele, o que ele fala, como age.
- A história**
 - Anote em seu caderno ideias que melhor se adaptem à sua personagem.
 - Imagine situações nas quais as características principais de sua personagem sejam postas à prova. Se seu herói tem um superpoder, vamos vê-lo em ação. Se é uma personagem tímida, coloque-a em uma festa.
 - Note que o tipo de personagem ajuda a determinar o gênero da história. Se a sua personagem for um super-herói, por exemplo, é provável que sua história contenda mais ação. Já personagens cômicos funcionam bem no formato tirinha.
- A tirinha**
 - Lembre-se: sejam tirinhas ou sejam narrativas um pouco mais compridas, o que sustenta a HQ é a história contada. Considere:
 - Sua história terá a intervenção do narrador?
 - Ela terá textos ou apenas imagens?
 - Ela terá diálogo? Se sim, escreva de antemão no caderno. Já comece a decidir quantas falas entraram em cada quadro.
 - Primitivo cabote
 - Faça o esboço da história em seu caderno. Decida:
 - Quais quadros terão textos e imagens, quais só terão imagens?
 - Como entrará o narrador, se houver?
 - Haverá título? Onde colocá-lo?
 - Dimensione o tamanho de cada quadro para comportar adequadamente os desenhos e os textos.
 - Distribua os diálogos em cada quadro. Tome cuidado para não sufocar as imagens com muito texto.

Veja se os balões estão adequados às falas das personagens; se ajudam a passar outras informações não verbais sobre a fala delas, se as personagens estão pensando, gritando ou suspirando.

- Se não ficou satisfeito com seu layout, faça um novo esboço. Experimente soluções diferentes. Nem sempre se acerta de primeira.

- Recursos das HQs**
 - Coloque em prática todo o repertório que aprendeu no capítulo.
 - Metáforas visuais
 - Linhas de movimento
 - Uso dos balões
 - Onomatopéias (você já inventou algumas, lembra?)
- Finalizando e tirando a lápis**
 - Agora passe sua HQ para a folha em branco.
 - Desenhe apenas de um lado da folha.
 - Use um lápis bem macio (HB) para que você possa fazer as últimas correções.
 - Mostre a alguns colegas. Eles entenderam a sua história? A opinião do leitor é sempre importante.
 - Essa é a hora de fazer as últimas revisões de texto e imagem em cima do seu esboço. Depois que passar a tinta por cima do lápis ficará mais difícil fazer correções.
 - Verifique já a ortografia e a pontuação dos textos.
- Finalizando: tinta e cor**
 - Bom, se você está satisfeito com o seu layout a lápis, é hora da arte-final.
 - Sua HQ pode ser colorida ou preto e branco. Você decide.
 - Você pode finalizar sua HQ com a técnica que preferir: até com lápis de cor. Dê preferência aos contornos com tintas mais escuras, pois eles facilitam a legibilidade de sua HQ.

AVALIAÇÃO DA HQ

- Você conseguiu utilizar a personagem que havia criado?
- As características principais da sua personagem foram exploradas na sua HQ? O leitor consegue identificá-la?
- A história da HQ está bem distribuída nos quadros? Verifique se alguns quadros não ficaram abarrotados de informação enquanto outros ficaram vazios.
- Os balões estão bem utilizados? Eles complementam o texto?
- Está claro na HQ quem são os autores das falas?
- Ficaram faltando na HQ traços de movimento e metáforas visuais para representar movimentos e ações?
- Se existem onomatopéias, elas conseguiram explicar o grafismo de suas letras?
- Você ficou satisfeito com a história contada?
- Você ficou satisfeito com o acabamento da HQ?

1ª e 2ª aula: conceituação para os alunos da importância dos gêneros discursivos na atualidade; Esclarecer segundo Maingueneau (2004, p.65) que os gêneros do discurso são atividades sociais, submetidas a critérios de êxito, por isso a interação pela linguagem significa a realização de uma atividade discursiva de um gênero.

3ª aula: origem e desenvolvimento das histórias em quadrinhos, enfatizando que não são mais exclusivamente para o público infantil, temos HQs para adultos e com temáticas variadas;

4ª aula: dividir a sala em dois grupos para montarem sua própria história em folhas sulfites;

5ª aula: encerramento da redação das histórias;

6ª aula: marcar ensaios para apresentação das histórias em alguma festa da escola.

O teatro apresentado para a escola representará um passo importante no desenvolvimento dos alunos, não apenas nos recursos linguísticos, mas principalmente na área da comunicação (pois cada aluno deverá representar um personagem);

Nessa sugestão o aluno também irá desenvolver seu lado criativo, interagindo com os colegas e aprendendo uma arte “a representação teatral”, além disso, a produção das histórias em quadrinhos vai proporcionar aos alunos relacionar seus diversos conhecimentos adquiridos no decorrer da vida escolar, conforme diz Fernandes (2009, p. 39):

Quando falamos, escrevemos, ouvimos ou lemos um texto, ativamos o nosso conhecimento prévio em relação ao que conhecemos sobre os gêneros textuais. Em outras palavras, por meio das experiências vividas em nossas interações verbais, somos capazes de identificar o gênero ao qual pertence determinado texto.

Por isso, conforme a autora é possível identificar vários gêneros do discurso mesmo sem maiores fundamentações teóricas, o que precisamos fazer é mostrar aos alunos o que eles já sabem no decorrer do seu cotidiano: ler uma receita, escrever um bilhete, etc.

SUGESTÃO 3: Esta sugestão restringe-se à teoria, para o professor que não possui muito tempo disponível para a organização de suas aulas, porque sabemos que muitos profissionais exercem suas funções nos três turnos em busca de maiores rendimentos salariais. (LD 2009, p.43)

1ª e 2ª aulas: normalmente o conteúdo será apresentado, de forma teórica, definindo conceitos e explicando origem e desenvolvimento do gênero a ser estudado, porém de forma superficial;

3ª aula: divisão da sala em duplas para que realizem um trabalho de pesquisa, envolvendo os termos: gêneros discursivos e histórias em quadrinhos. Após correção dos trabalhos, solicitar que os alunos tragam uma revista de quadrinhos a seu gosto e selecionem uma história para analisarem;

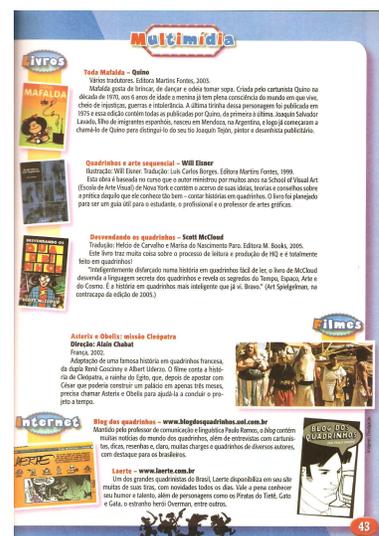
4ª e 5ª aula: análise da história a partir do contexto comunicacional, personagens, autor da história, definição do tipo de gênero estudado, se primário ou secundário...

O elemento principal dessa aula é apresentar aos alunos as principais teorias a respeito dos gêneros, esclarecendo a diferença entre gêneros secundários e primários:

(...) os gêneros da interação cotidiana- conversas informais sobre temas da vida cotidiana, cartas, diários íntimos, bilhetes etc.-, os quais mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos (primários); e os gêneros mais formais – romances, teatros, editoriais, livros didáticos, teses, palestras, discursos científicos etc.- (FERNANDES, 2008, p. 43)

A partir dessa análise, será possível demonstrar aos alunos que é possível unir a teoria à prática da vida cotidiana, enfatizando que os gêneros tratam das atividades sociais presentes na realidade de nossa vida, não são apenas conceitos distantes da prática.

Conforme Fernandes (2008, p. 44):



Portanto, no trabalho com a leitura ou a produção de um gênero, é preciso considerar, necessariamente, a organização enunciativa, ou seja, a situação de produção e circulação que integra as práticas discursivas é definida por alguns parâmetros textuais e sociais.

Isso comprova que, ao trabalhar com um gênero discursivo como um objeto de ensino, o professor precisa contemplar os diferentes aspectos do processo de interação verbal, portanto é impossível trabalhar um gênero sem relacioná-lo ao seu contexto comunicativo, reconhecendo a presença de uma intenção de comunicação e compreendendo o papel social que os textos desempenham nas atividades humanas.

A opção por esse gênero ocorreu porque até pouco tempo era destinado apenas ao público infantil, todavia atualmente os adultos também se tornaram leitores das HQs, esse gênero também não era muito valorizado pela escola e sociedade até poucos anos atrás, foi com o aprofundamento da noção de gêneros discursivos que começou a ser trabalhado nas escolas.

Infelizmente o LD transformou o gênero HQs num gênero simplesmente didático, que pouco contribui para o incentivo da leitura, todas as atividades são estruturadas, não oferecendo ao aluno a oportunidade de pensar, opinar e exercitar sua criatividade.

Assim, o fundamental em todas essas sugestões é a tentativa de criar uma autonomia nos alunos em relação ao seu aprendizado, no que se refere ao processo de leitura, análise e produção de textos, tendo como principal consequência o domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, pois é principalmente, através dos gêneros discursivos que essas práticas incorporam-se nas atividades diárias dos alunos.

Essas atividades foram sugeridas na intenção de proporcionar uma forma diferente de trabalho com os gêneros discursivos, HQs, já que o LD analisado “Português – a arte da palavra” apresenta um estudo muito estruturalista do gênero em questão, não oferecendo muitas variedades de trabalho, ao contrário, ao professor é proposto um trabalho solitário e sem suporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste trabalho foi possível observar que a leitura é uma atividade pela qual se constrói o conhecimento, é um processo de descoberta que exige muita paciência e perseverança por parte do leitor. Quem tem o hábito de ler é capaz de expor suas ideias com facilidade, escreve e fala de maneira correta. O que a escola precisa entender é que, à medida que as crianças adquirem o hábito da leitura, se tornarão alunos melhores em todas as disciplinas. Então, a partir do momento que a escola passar a dar a devida importância à leitura correta e fluente, os alunos irão crescer com esse hábito e se tornarem leitores assíduos e críticos diante da sociedade da qual fazem parte.

Dessa forma, o objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi analisar o gênero história em quadrinhos enquanto um objeto estimulante da leitura e produção textual no LD “Português – A arte da palavra”, sugerindo algumas possibilidades de trabalho em sala de aula. Durante a análise do livro, notamos que é um bom instrumento de trabalho, pois possibilita ao professor abordar os gêneros discursivos, principalmente as HQs como uma forma de incentivar a leitura da literatura infantil.

Procuramos deixar claro que o LD deve funcionar como um acessório para as aulas, pois um bom profissional não tem uma visão restrita, pequena do tema a ser ensinado, mas está sempre procurando melhorar, criar novas atividades e para isso um bom material didático é fundamental, pois serve como base para um bom ensino, só que não é o único recurso que possui um bom professor, nem é aconselhável se restringir a apenas um livro, por melhor que ele seja. Uma boa atividade pode ser retirada de uma revista, um jornal, um gibi e de uma infinidade de materiais, portanto o LD vem para ajudar o professor e não para fazer todo o trabalho desse profissional.

Portanto este trabalho de análise pressupõe aspectos positivos e negativos, na medida em que mostra o quanto é importante a análise dos materiais que os professores usam nas escolas,

além de incentivar um trabalho diferente e criativo com os gêneros discursivos, pois para os futuros profissionais do ensino é de extrema necessidade a conscientização de que um pensamento crítico e avaliador é essencial para um bom profissional do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Ed. Scipione, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil-Juvenil**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *“Literatura Infantil: Teoria e Prática”*. Ática: São Paulo, 2003.
- EISNER, Will. Trad. Leandro Luigi Del Manto. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- FERNANDES, Nohad Mouhanna. **Gêneros discursivos**. Dourados: UNIGRAN, 2008.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto & leitor – aspectos cognitivos da leitura**. 8ª ed. Campinas S.P: Pontes, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LEITE, José Fernando. **Literatura estampada**. Revista Discutindo Literatura. Ano 2 n. 10. São Paulo: Escala Educacional. Pág. 24-29
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004
- PEREIRA, Cilene da Cunha *et. Al.* Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; SANTOS, Leonor Werneck dos. (Orgs.). **Estratégias de leituras: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27 – 57.
- SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **Conferências sobre Leitura**. Campinas S.P: Autores Associados, 2003.

_____. **Criticidade e Leitura Ensaios.** São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. In: MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.

ANEXOS

- Capa do LD



- Página 14 LD

Leitura
1

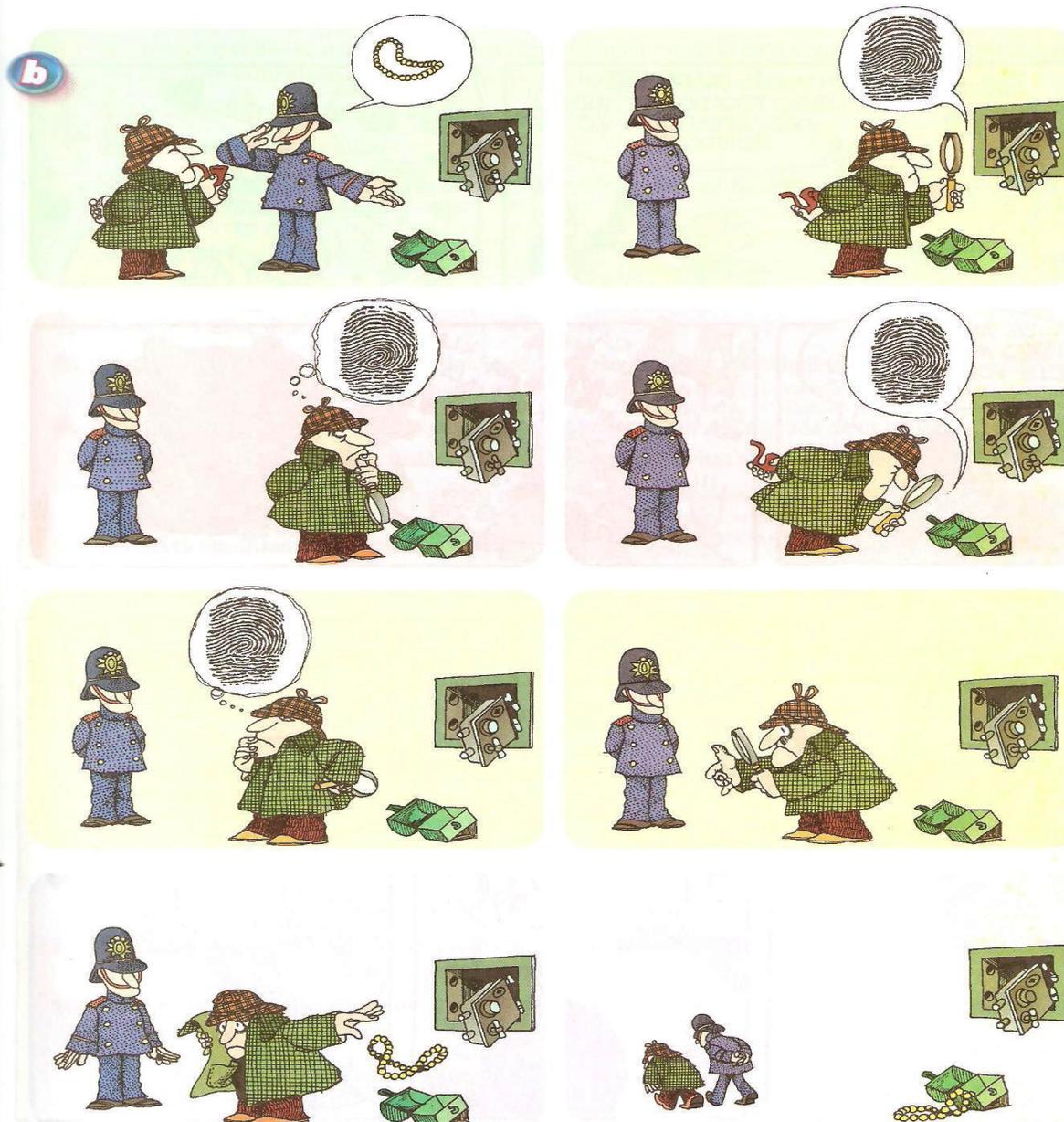
Calvin, personagem do quadrinista americano Bill Watterson, é um menino levado, cujo melhor amigo é seu tigre de pelúcia, Haroldo. Mas a convivência dos dois, por vezes, não é lá muito pacífica.



BILL WATTERSON. *Algo babando embaixo da cama*. Tradução: Cleide Tavares. 3. ed. São Paulo: Cedibra, 1988. p. 112.

- Página 15 LD

Quino é um cartunista argentino muito importante. Em muitas de suas HQs, ele não usa a linguagem verbal, preferindo contar a história somente por meio da linguagem visual. Veja, por exemplo, a história abaixo.



QUINO. *Déjenme inventar*. 6. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1988.

- Página 16 LD

Aqui no Brasil também temos grandes desenhistas de HQ. O quadrinista Laerte, por exemplo, é um de nossos maiores artistas. Veja abaixo duas tiras de Suriá, uma menina muito divertida e descolada, que inventa mil e uma estripulias com seus amigos do circo.



LAERTE. Suriá, a garota do circo. São Paulo: Jacarandá/Devir, 2000.

Estudo de personagem: uma heroína de ficção científica desenhada em várias posições pela Fábrica de Quadrinhos.

Fábrica de Quadrinhos

As personagens de HQ

A personagem é uma das coisas mais importantes numa história em quadrinhos. Muitas HQs até são nomeadas a partir de sua personagem principal ou de um grupo de personagens mais destacado. As personagens são o eixo da HQ porque suas ações e reações conduzem a história.

Uma personagem terá sempre características pessoais. Ela pode ser comilona e preguiçosa, como o Garfield; pode ser uma criança levada e esperta, como o Calvin; pode ser um super-herói forte e soturno, como o Batman. Cada uma dessas personagens tem suas expressões faciais de tristeza, de alegria, de susto, de dúvida e de raiva, além de suas expressões corporais mais típicas. Por isso, os desenhistas de HQs sempre fazem muitos esboços, experimentando em suas personagens diversas variações antes de começar a desenhar as histórias para valer.

Mickey, o rato mais famoso do mundo, foi criado por Walt Disney em 1928. Hoje é redesenhado por centenas de artistas em todo o planeta. E eles precisam ter as mesmas referências de imagem e também de personalidade da personagem.

Disney

A SUA PERSONAGEM DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

1. Agora você vai criar sua personagem de HQ. Como ela será? Uma personagem cômica, um super-herói ou, talvez, uma personagem autobiográfica, baseada em suas próprias histórias? Você decide.
2. No seu caderno, faça uma lista das qualidades (e defeitos) da sua personagem. Escreva qual é a aparência física, a idade, a história familiar, quem são seus amigos, inimigos (antagonistas), quais os seus pontos fortes e fracos. Acrescente outras características que você julgar importantes.
3. Agora desenhe a sua personagem. Nem adianta dizer que não sabe desenhar. Se você não tiver muita prática, pode até fazer um boneco com cabeça de bola e corpo de palito, não tem importância. Faça-o de frente e de perfil, parado e em movimento. Experimente diferentes posturas e expressões faciais.

Mão na Massa

Calvin faz caretas para a máquina fotográfica. Como a sua personagem posaria para uma foto?

Walterson

21

O balão nas HQs

Os balões são uma das marcas mais características das HQs. Eles indicam a fala de uma personagem e são ligados a ela por um prolongamento chamado **rabicho**. Existem também balões sem rabicho, que costumam representar o texto do narrador.

O balão geralmente contém apenas texto, mas pode também incluir imagens. É no balão que o texto e a imagem se encontram. Nele, o texto será tratado graficamente. Letras grandes, por exemplo, indicam que a personagem está falando bem alto; letras tortas podem indicar que a personagem está falando em um tom de voz alterado.

O contorno do balão mostra se a personagem está falando, pensando ou sussurrando. Esses são os tipos mais básicos de balão, mas as possibilidades são ilimitadas.

Quando há mais de uma personagem falando, os balões podem ser encadeados, representando um diálogo. Esses balões, como a sequência dos quadros, são lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo.



Groo tem dificuldades para entender que está apenas atuando em uma peça teatral. Enquanto isso, tramam para matar o rei de verdade. Repare nos diferentes tipos de balão, no tracejado do sussurro, na nuvenzinha do pensamento e na caixa de texto do narrador.



Identifique balões e recursos visuais.

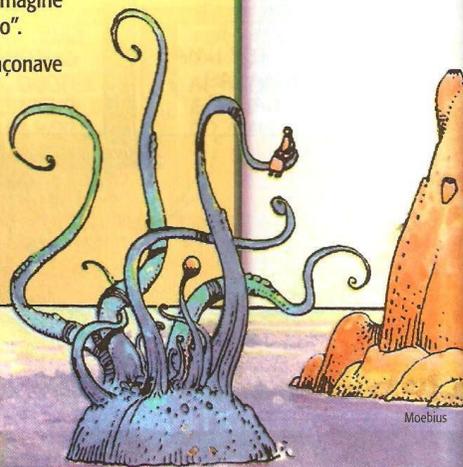
- O que significa o traçado em zigue-zague do balão do último quadro?
 - Significa que a personagem está gritando.
- Quem fala o texto do terceiro quadro?
 - O narrador.
- O que são os traços sobre a cabeça do herói no terceiro quadro?
 - A representação do esforço que o herói faz para tentar se comunicar com sua amada.

Estudo do Texto

1. Quem escreveu o roteiro da HQ *Alguns sujeitos esquisitos*? Quem a desenhou? 1. Textos e desenhos são de Moebius.
2. Há dois tripulantes na nave *Star Gulper*. Quem são eles? Qual o relacionamento entre os dois?
3. Qual a profissão do homem? 2. A mulher chama-se Janine, o homem não é nomeado. São marido e mulher.
3. É um pequeno mercador espacial.
4. O que ele pretende fazer no planeta Phenixon? 4. Comprar peles toc-toc para revender em Varlop Cygnae.
5. Os habitantes de Phenixon são humanos? Como você chegou a essa conclusão? 5. Provavelmente não. Eles têm estatura muito pequena.
6. Qual o meio de transporte utilizado pelos habitantes de Phenixon? 6. O caracolante.
7. As mercadorias não são mostradas. O que você imagina que o mercador está vendendo? 7. Resposta pessoal.
8. Descreva com suas palavras como é um pavachus selvagem. 8. Resposta pessoal.
9. O marido tem medo de que o pavachus despedace sua esposa, porém uma reviravolta na história acontece. O que, exatamente? 9. A esposa e o pavachus se apaixonam.
10. Ao revelar o nome daquele pavachus, o autor indica que ele tem uma relação mais pessoal com Janine. Qual o nome do animal? Que vocativo é utilizado para demonstrar a intimidade? 10. O nome é Balutin e o vocativo, "meu amor".
11. No último quadrinho, outra reviravolta cômica acontece na HQ. O que sucedeu? 11. A mulher acaba por tratar o "monstro" da mesma maneira que tratava o antigo marido.
12. Existem semelhanças e diferenças entre o planeta Phenixon e a Terra. Cite duas semelhanças e duas diferenças. 12. Sugestão: Semelhanças: ambos os planetas são azuis, têm vida (plantas e animais), atmosfera respirável, nuvens e oceanos. Diferenças: a população, a flora e a fauna são bem diferentes das da Terra.
13. Quantas intervenções do narrador aparecem na história? 13. Apenas uma, no início.
14. O que significam no contexto "Em absoluto!" e "Absolutamente!?" São declarações afirmativas ou negativas? 14. São declarações negativas.
15. Repare que cada página da HQ apresenta quatro quadrinhos. Mas todos têm formatos diferentes entre si. Por que você acha que o autor optou por essa variação? 15. Resposta pessoal.

Vamos exercitar um pouco o quadrinista que existe em você.

1. A história que você acabou de ler se passa em um futuro não especificado. A espaçonave é descrita pelo narrador como "ultrapassada, movida a íons".
 - a. Pensando como um autor de ficção científica, imagine como seria um método de propulsão "moderno".
 - b. Desenhe em seu caderno como seria uma espaçonave com propulsão moderna.
2. Agora você vai construir o epílogo dessa história. Imagine que Balutin realmente recebe a visita da mãe de Janine.
 - a. Como seria a conversa entre Balutin e a sogra? Será que ela gostaria do novo genro?
 - b. Distribua essa conversa em dois ou três quadrinhos. Acrescente as ações que julgar apropriadas.



Moebius

História em Quadrinhos

Objetivo

Criar a sua própria HQ.

1. Preparação

- Material: folhas de papel sulfite, lápis e canetas.
- A história terá de uma a quatro páginas.
- Pode ser uma história completa ou uma sequência de tirinhas.

2. As personagens

- Lembra aquela personagem que você criou na página 21? Temos agora a oportunidade de colocá-la em ação.
- Você pode também inventar personagens novas, claro! Personagens autobiográficas (baseadas na sua vida) podem render ótimas histórias.
- E não precisa saber desenhar. Em último caso os bonecos podem ser até de palitinho. O que importa mesmo é o que vai acontecer com ele, o que ele faz, como age.

3. A ideia

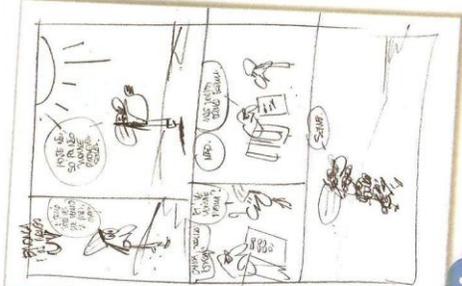
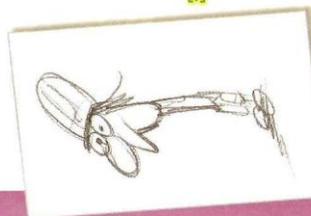
- Anote em seu caderno ideias que melhor se adaptem à sua personagem.
- Imagine situações nas quais as características principais de sua personagem sejam postas à prova. Se seu herói tem um superpoder, vamos vê-lo em ação. Se é uma personagem tímida, coloque-a em uma festa.
- Note que o tipo de personagem ajuda a determinar o gênero da história. Se a sua personagem for um super-herói, por exemplo, é provável que sua história contenda mais ação. Já personagens cômicas funcionam bem no formato tirinha.

4. A história

- Lembre-se: sejam tirinhas ou sejam narrativas um pouco mais compridas, o que sustenta a HQ é a história contada. Considere:
 - Sua história terá a intervenção do narrador?
 - Ela terá textos ou apenas imagens?
 - Ela terá diálogos? Se sim, escreva de antemão no caderno. Já começa a decidir quantas falas entrarão em cada quadro.

5. Primeiro esboço

- Faça o esboço da história em seu caderno. Decida:
 - Quais quadros terão textos e imagens, quais só terão imagens?
 - Como entrará o narrador, se houver?
 - Haverá título? Onde colocá-lo?
 - Dimensione o tamanho de cada quadro para comportar adequadamente os desenhos e os textos.
 - Distribua os diálogos em cada quadro. Tome cuidado para não sufocar as imagens com muito texto.



40

- Veja se os balões estão adequados às falas das personagens, se ajudam a passar outras informações não verbais sobre a fala delas, se as personagens estão pensando, gritando ou sussurrando.
- Se não ficou satisfeito com seu *layout*, faça um novo esboço. Experimente soluções diferentes. Nem sempre se acerta de primeira.

6. Recursos das HQs

- Coloque em prática todo o repertório que aprendeu no capítulo.
 - Metáforas visuais
 - Linhas de movimento
 - Uso dos balões
 - Onomatopias (você já inventou algumas, lembra?)

7. Finalizando: o traço e o lápis

- Agora passe sua HQ para a folha em branco.
- Desenhe apenas de um lado da folha.
- Use um lápis bem macio (HB) para que você possa fazer as últimas correções.
- Mostre a alguns colegas. Eles entenderam a sua história? A opinião do leitor é sempre importante.
- Essa é a hora de fazer as últimas revisões de texto e imagem em cima do seu esboço. Depois que passar a tinta por cima do lápis ficará mais difícil fazer correções.
- Verifique já a ortografia e a pontuação dos textos.

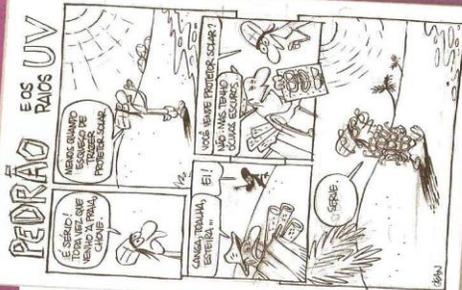
8. Finalizando: tinta e cor

- Bom, se você está satisfeito com o seu *layout* a lápis, é hora da arte-final.
- Sua HQ pode ser colorida ou preto e branco. Você decide.
- Você pode finalizar sua HQ com a técnica que preferir, até com lápis de cor. Dê preferência aos contornos com tintas mais escuras, pois elas facilitam a legibilidade de sua HQ.

AVALIAÇÃO DA HQ

- Você conseguiu utilizar a personagem que havia criado?
- As características principais da sua personagem foram exploradas na sua HQ? O leitor consegue identificá-las?
- A história da HQ está bem distribuída nos quadros? Verifique se alguns quadros não ficaram atalados de informação enquanto outros ficaram vazios.
- Os balões estão bem utilizados? Eles complementam o texto?
- Está claro na HQ quem são os autores das falas?
- Ficaram faltando na HQ traços de movimento e metáforas visuais para representar movimentos e ações?
- Se existem onomatopias, elas conseguiram explorar o grafismo de suas letras?
- Você ficou satisfeito com a história contada?
- Você ficou satisfeito com o acabamento da HQ?

41



Multimídia

Livros



Toda Mafalda – Quino

Vários tradutores. Editora Martins Fontes, 2003.

Mafalda gosta de brincar, de dançar e odeia tomar sopa. Criada pelo cartunista Quino na década de 1970, aos 6 anos de idade a menina já tem plena consciência do mundo em que vive, cheio de injustiças, guerras e intolerância. A última tirinha dessa personagem foi publicada em 1975 e essa edição contém todas as publicadas por Quino, da primeira à última. Joaquín Salvador Lavado, filho de imigrantes espanhóis, nasceu em Mendoza, na Argentina, e logo já começaram a chamá-lo de Quino para distingui-lo do seu tio Joaquín Tejón, pintor e desenhista publicitário.



Quadrinhos e arte sequencial – Will Eisner

Ilustração: Will Eisner. Tradução: Luís Carlos Borges. Editora Martins Fontes, 1999.

Esta obra é baseada no curso que o autor ministrou por muitos anos na School of Visual Art (Escola de Arte Visual) de Nova York e contém o acervo de suas ideias, teorias e conselhos sobre a prática daquilo que ele conhece tão bem – contar histórias em quadrinhos. O livro foi planejado para ser um guia útil para o estudante, o profissional e o professor de artes gráficas.



Desvendando os quadrinhos – Scott McCloud

Tradução: Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. Editora M. Books, 2005.

Este livro traz muita coisa sobre o processo de leitura e produção de HQ e é totalmente feito em quadrinhos!

“Inteligentemente disfarçado numa história em quadrinhos fácil de ler, o livro de McCloud desvenda a linguagem secreta dos quadrinhos e revela os segredos do Tempo, Espaço, Arte e do Cosmo. É a história em quadrinhos mais inteligente que já vi. Bravo.” (Art Spiegelman, na contracapa da edição de 2005.)

Filmes

Asterix e Obelix: missão Cleópatra

Direção: Alain Chabat

França, 2002.

Adaptação de uma famosa história em quadrinhos francesa, da dupla René Goscinny e Albert Uderzo. O filme conta a história de Cleópatra, a rainha do Egito, que, depois de apostar com César que poderia construir um palácio em apenas três meses, precisa chamar Asterix e Obelix para ajudá-la a concluir o projeto a tempo.



Internet

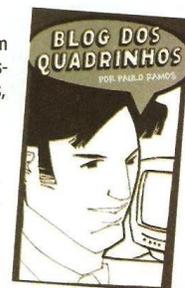


Blog dos quadrinhos – www.blogdosquadrinhos.uol.com.br

Mantido pelo professor de comunicação e linguística Paulo Ramos, o *blog* contém muitas notícias do mundo dos quadrinhos, além de entrevistas com cartunistas, dicas, resenhas e, claro, muitas charges e quadrinhos de diversos autores, com destaque para os brasileiros.

Laerte – www.laerte.com.br

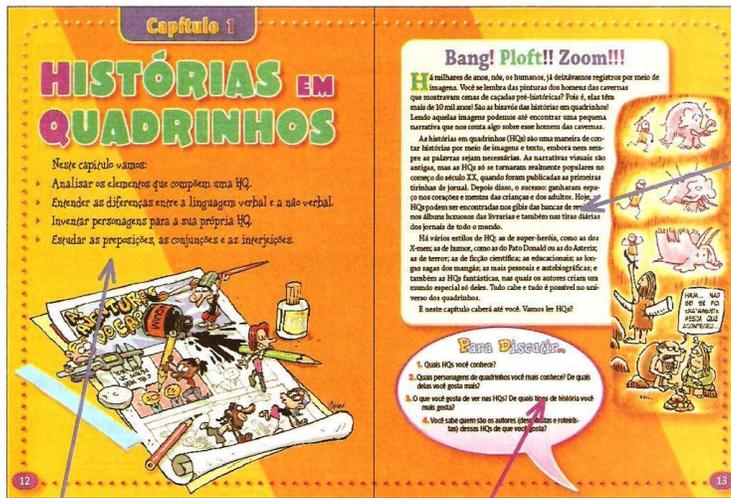
Um dos grandes quadrinistas do Brasil, Laerte disponibiliza em seu *site* muitas de suas tiras, com novidades todos os dias. Vale a pena conhecer seu humor e talento, além de personagens como os Piratas do Tietê, Gato e Gata, o estranho herói Overman, entre outros.



Imagens: Divulgação

- Catálogo Informativo

Conheça o seu livro



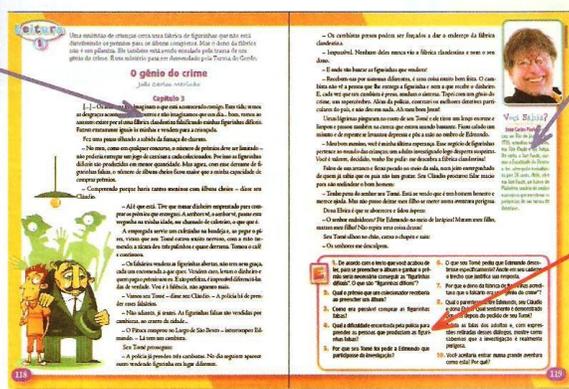
Introdução
Textos, imagens ou até mesmo atividades sobre o assunto que será estudado servem para introduzi-lo e para motivar a discussão sobre ele.

Apresentação
Aqui você fica sabendo quais são os principais conteúdos do capítulo.

Para Discutir
Traz questões que serão respondidas oralmente. Elas servem para saber o que você já conhece sobre o que vai estudar no capítulo e orientam a discussão com os colegas.

Você Sabia?
Mais informações e curiosidades sobre o assunto estudado.

Leitura
Os textos selecionados para leitura trazem uma variedade de gêneros que você deve aprender a manejar. Foram escolhidos com muito cuidado – esperamos que você goste deles e que se divirta com a sua leitura.



Estudo do Texto
Seção com perguntas de compreensão e interpretação dos textos estudados. Seu professor vai indicar se as questões devem ser respondidas oralmente em classe ou por escrito, em seu caderno.

- Sumário do LD

Sumário

1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Bang! Plotfii! Zoom!!! 12

Leitura 1 – HQs *BILL WINTERSON, GUINÉE E LIBERTÉ* 13

Linguagem verbal e não verbal **As HQs e as linguagens** 18

Narrando com palavras e imagens **As personagens de HQ** 20

Mão na Massa – A Sua Personagem de HQ 21

Os elementos visuais 22

O balão nas HQs 23

Leitura 2 – Filipe *GUINÉE* 24

O texto nas HQs 26

A onomatopeia 27

Mão na Massa – Criando Onomatopeias 27

Leitura 3 – Aléum sujeito esquivo *MEDIBUS* 28

A página de HQ 33

Regência verbal e nominal 34

Mão na Massa – História em Quadrinhos 40

Leitura da Arte 42

Multimídia 43

2. DEBATES

Da discussão ao debate 44

Leitura 1 – Transcênicos em debate *MARCELO DA SILVA FERREZ* 45

Leitura 2 – Comida Frankenstein *JOSÉ CARLOS MARQUES* 46

A divulgação científica 48

Leitura 3 – A língua portuguesa como direito *ALDO REBELO* 52

Leitura 4 – A fátia estrangeira do idioma *JOSÉ LUIZ FERREI* 54

Estrangeirismos 56

Textos opinativos 58

Mão na Massa – Analisando um Debate 59

O debate 60

A oralidade formal 61

Leitura 5 – A Internet nos deixa estúpidos *EDUARDO SZKURZ* 63

Leitura 6 – A Internet nos deixa inelicientes *EDUARDO SZKURZ* 64

Orações subordinadas substantivas 66

Mão na Massa – Debate Opinativo 68

Leitura da Arte 76

Multimídia 78

3. CRÔNICAS

Uma imagem, mil palavras 80

Leitura 1a – Gabarito seria transmitido por mensagens... *ALBERTO JACQUES* 81

Leitura 1b – Torpedos *MARCELO SALZAR* 82

Entre o jornalismo e a literatura 83

Mão na Massa – Crônica e Notícia 84

Leitura 2 – O nascimento da crônica *MARCELO DE ASSIS* 85

Cronologia da crônica 86

Leitura 3 – A minha glória literária *RUBEM BRAGA* 89

Leitura 4 – O homem nu *FERNANDO SÁBADO* 90

Mão na Massa – Continuando uma Crônica 92

A crônica e seu estilo 93

Leitura 5 – Nosso espaço *LUIZ FERREIRA VIEIRA* 95

A crônica política 96

As vozes na crônica 97

Leitura 6 – Reforma ortográfica *CYNTHIA FÁBICA* 98

A crônica nos blogs 101

Orações subordinadas adjetivas 103

Hifen 104

Mão na Massa – Crônica 111

Leitura da Arte 113

Multimídia 114

4. HISTÓRIAS POLICIAIS

Olho vivo! 116

Leitura 1 – O gênio do crime *JOSÉ CARLOS MARQUES* 117

As histórias policiais 118

Leitura 2 – Um crime quase perfeito *ROBERTO ARAÚJO* 122

Mão na Massa – Um Final para a História 124

Estrutura da narrativa **Personagens e narradores** 127

Mão na Massa – **Jogo do Detetive** 129

Leitura 3 – A ciência da dedução *OSWALD DRYDEN* 131

A descrição e o leitor 132

Mão na Massa – **Pistas e Personagens** 133

Orações subordinadas adverbiais 136

Orações adverbiais desenvolvidas e reduzidas 137

Mão na Massa – **Antologia de Contos Policiais** 138

Leitura da Arte 143

Multimídia 144



5. RÁDIO E TV

150

- 151 Uma vez Flamengo...
- 152 Nas ondas do rádio
- 154 Leitura 1 – Noticiário internacional
- 155 A notícia de rádio
- 156 Mão na Massa – Comparando Notícias
- 157 As muitas faces da notícia
- 158 Escrever para falar
- 160 Mão na Massa – Radiojornal
- 162 Raízes das telenovelas
- 163 Leitura 2 – Celebidade Cláudia Sampaio
- 165 O novelo das novelas
- 166 Leitura 3 – O bem-amado Bárbara Guimarães
- 170 A escrita para a TV
- 171 Coloquialidade
- 172 Leitura 4 – Frinela descabelada Laura Bengt/Claudio Barbato
- 174 Sintaxe de colocação
- 176 Colocação dos pronomes átonos
- 180 Mão na Massa – Novela de Rádio
- 182 Leitura da Arte
- 183 Multimídia



6. TEXTOS OPINATIVOS

184

- 185 Questão polêmica
- 186 Leitura 1 – Graffites e Pichações
- 188 Leitura 2a – Pichadores agora destroem marcos do grafite Laura Chagnon/Laura
- 189 Leitura 2b – Pichação é arte ou vandalismo? Silvia Matos
- 190 Informar X argumentar
- 191 Leitura 3 – Atividade expõe tensão entre direitos Cláudia Bunesztka
- 192 Mão na Massa – Escrita de uma Carta de Leitor (1)
- 193 A opinião do articulista
- 194 Leitura 4 – A Olimpíada é a vida – melhorada Mary Scliar
- 196 Leitura 5 – Não vou ver as competições Rubem Alves
- 198 Estratégias persuasivas
- 200 Leitura 6 – Cartas do leitor
- 201 A opinião do leitor
- 201 Mão na Massa – Escrita de uma Carta de Leitor (2) Cláudia Bunesztka
- 202 Organizando as ideias
- 204 O pronomes e a conjunção SE
- 207 Uso da crase
- 210 Mão na Massa – Artigo de Opinião
- 212 Leitura da Arte
- 213 Multimídia



7. CORDEL E RAP

214

- 215 A palavra cantada
- 216 Leitura 1 – O que é folclore? Patrícia de Assis
- 218 Cordel: poesia no varal
- 219 Mão na Massa – Escolhendo Temas para um Cordel
- 220 Leitura 2 – Romance do pavão misterioso Júlio Macquieles F. de Sá
- 226 A estrutura do cordel
- 227 A rima no cordel
- 228 Mão na Massa – Criação de Cordel Coletivo
- 230 Leitura 3 – O rap e o repente nas quebradas do sertão Bruno Zuan
- 232 Leitura 4 – Diário de um detento Robson dos MCS
- 234 Rap: ritmo & poesia
- 235 Mão na Massa – Escolhendo Temas para um Rap
- 236 Leitura 5 – Se lida aí Coládi, e Precador/Lucinda Assolada Luna
- 237 A rima no rap
- 238 Figuras de sintaxe
- 244 Pontuação
- 245 Mão na Massa – Projeto Rap
- 246 Leitura da Arte
- 247 Multimídia
- 248 Bibliografia

